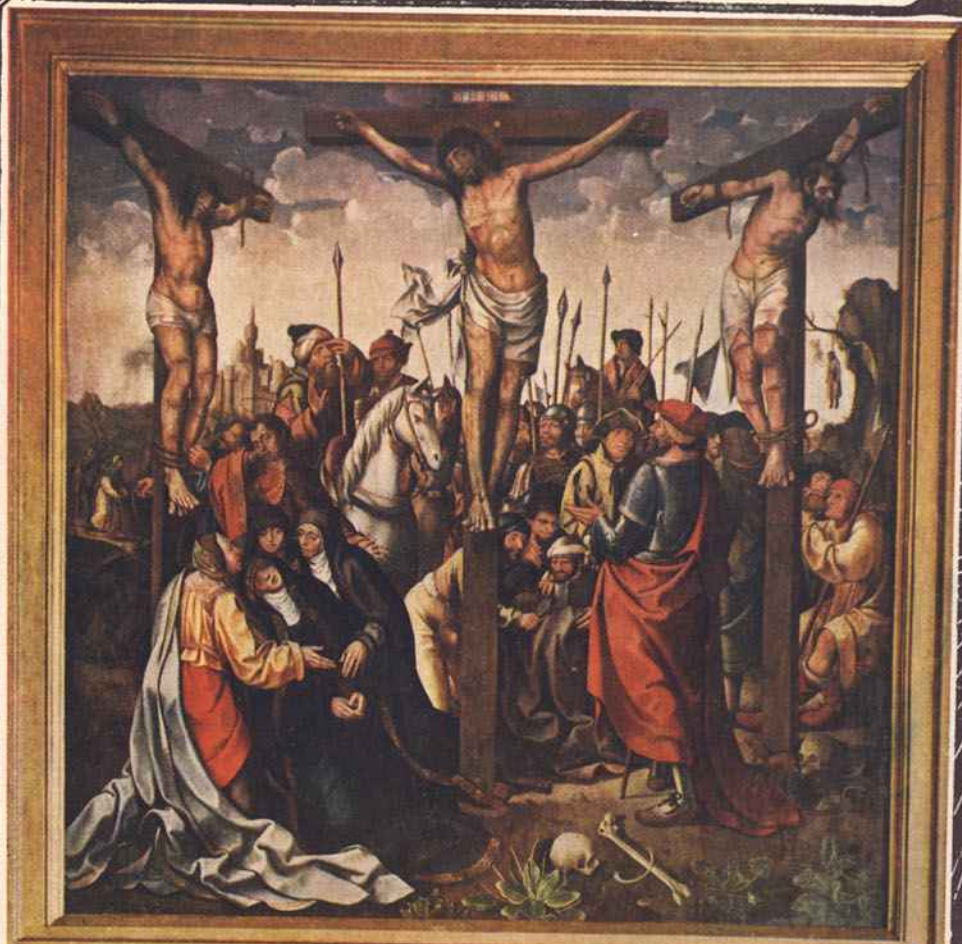


# ILUSTRAÇÃO

O CALVÁRIO  
POR  
GRÃO VASCO



# PASCOA

NÚMERO 104

LISBOA  
10 de Abril de 1939

PREÇO 4\$00

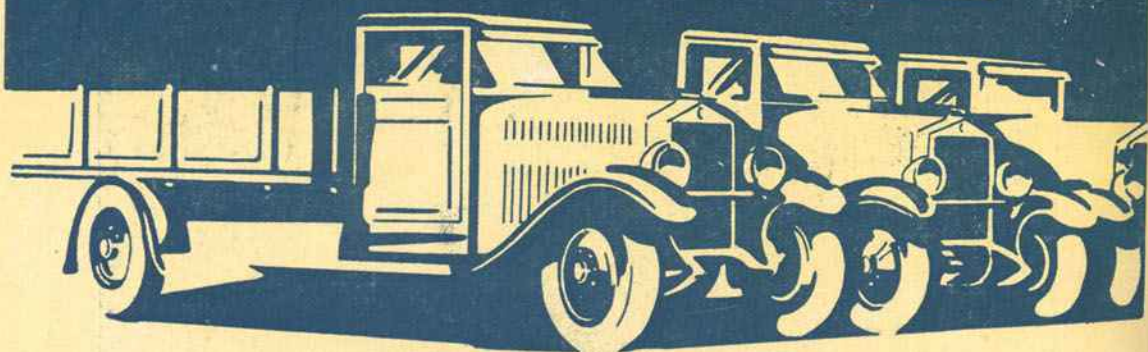
Factores essenciais  
no transporte, são  
as qualidades do  
:: novo camion ::

**FIAT**

**SOLIDO**

**ECONOMICO**

**VELOZ**



**MODELO**

**621**

**FIAT**

**Seis**

**cilindros**

2.000 KILOS

**FIAT PORTUGUESA S. A.**

PALACIO D'AVENIDA - Avenida da Liberdade, 253 — Rua de Santa Catarina, 122

LISBOA - Tel. N. 2928

PORTO - Tel. 1094

# RADIO TELEFUNKEN

Não adquirir aparelhos  
para T. S. F. sem ouvir  
os receptores Telefunken  
de grande selectividade  
e potencia



Aparelhos Telefunken  
Alta-Vozes Telefunken  
Lampadas Telefunken

**AEG**

SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE A. E. G.

LISBOA — RUA DOS FANQUEIROS, 12-16

PORTO — RUA SÁ DA BANDEIRA, 209-215



### O gôzo sublime

de atingir o vertice da felicidade humana, de ser o conductor das proprias aptidões, permite que o homem fique mais alegre e satisfeito. Nunca será bem sucedido aquelle que se alheia de si mesmo, que em occasiões dificeis da vida se sintta afflicto, desanimado, irresoluto.

O pensar, o sentir e a actividade modernos exigem nervos d'aço, para que se possam vencer todas as difficuldades da vida. Socego de animo, energia e dominação de si mesmo - alguns

Comprimidos de

## Adalina

os darão. Os comprimidos de Adalina são um producto de confiança da Casa Bayer e ensaiado por milhares de medicos. Informe-se com o seu medico!

Depois da tempestade

volta e firmamento a oferecer-nos a beleza incomparavel do seu azul puro e immaculado; então sae do nosso peito, ainda opresso pela angustia, um profundo suspiro de alivio.

Assim opera a Cafiaspirina! Que sensação de alivio e bom estar sentimos quando a dôr desaparece!

V. Exa. não pode proceder de melhor maneira do que ter sempre á mão um tubo de Cafiaspirina para se proteger contra as dôres de cabeça, de dentes, de ouvidos, nevralgias ou enxaquecas. As Senhoras devem usa-la sempre para aliviar os incomodos periodicos. Além de que reanima as forças sem atacar o coração nem os rins.

## CAFIASPIRINA



À venda em todas as farmacias.

## COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

SERVIÇO DO MOVIMENTO — Repartição de Reclamações e Leilões

# LEILÃO

Em 21 do corrente e dias seguintes, às 11 horas na estação desta Companhia em Lisboa, Caes dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Público A n.º 134 de 25 de Julho de 1927, do Artigo 114.º da Tarifa Geral e do Artigo 9.º da Tarifa de Despesas Acessórias, proceder-se-ha à venda em hasta pública de tôdas as remessas incursas nos respectivos prazos bem como de outros volumes não reclamados.

Avisam-se, portanto, os respectivos consignatários, de que poderão ainda retira-los, pagando o sue débito à Companhia, pelo que terão de dirigir-se ao Serviço do Movimento, Repartição de Reclamações e Leilões na estação do Caes dos Soldados, todos os dias úteis até 19 do corrente das 10 às 17 horas.

O leilão realisa-se no Armazem situado ao fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da Calçada de Santa Apolónia, defronte do gradeamento.

Lisboa, 3 de Abril de 1930.

O Director Geral da Companhia  
Ferreira de Mesquita

Experimentai e comprai o admiravel

# CHRYSLER-SIX

que vos surpreenderá pelo seu conjunto  
de inigualadas qualidades

Acceleração surpreendente, economia comprovada, silencio duradouro, resistencia incomparavel

Agente geral:

**A. BEAUVALET**

**CASA FUNDADA**

Distribuidor para o Norte:

**ANGEL BEAUVALET**

Rua 1.º de Dezembro, 137

**EM 1902**

Rua de Santa Catarina

**Lisboa**

**Porto**

## RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS  
PARA OS CUIDADOS DA PELE

## ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA

Directora: **MADAME CAMPOS**

**Avenida, 35 - Telefone N.º 341 - LISBOA**



O pó de arroz  
**ETOILE NOIRE**  
de  
**GELLÉ FRÈRES**  
PARIS

dá á pele uma beleza e uma  
frescura incomparaveis.

De finissima qualidade, quasi imperceptivel, não  
mascara e deixa na pele o seu perfume unico,  
persistente e cativante.

Experimentá-lo é preferi-lo para sempre!  
Experimente-o, minha Senhora.

*A' venda em todas as boas Casas*

AGENTES GERAIS STETTEN & C. Lda. 112 - RUA DA MADALENA LISBOA



## Peça-o Senhora

CARLOS DE SA  
PEREIRA, L.º  
Rua Arco Ban-  
deira, 115 -  
LISBOA

O bom gosto determina que o  
jantar seja rematado com um doce  
delicioso, nutritivo e de facil diges-  
tão. Os pratos preparados com a  
Maizena Duryea offercem essas op-  
timas propriedades, dahi a crescente  
popularidade de que gozam. Da  
proxima vez que V. S. tiver con-  
vivas, ou que preparar uma refeição  
para a familia, experimente uma  
das receitas do precioso livro de  
Receitas de Cozinha da Maizena  
Duryea, que lhe enviaremos com o  
maximo prazer se V. S. nol-o pedir.



**GRATIS**

# MAIZENA DURYEA

BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO  
PROFISSIONAL

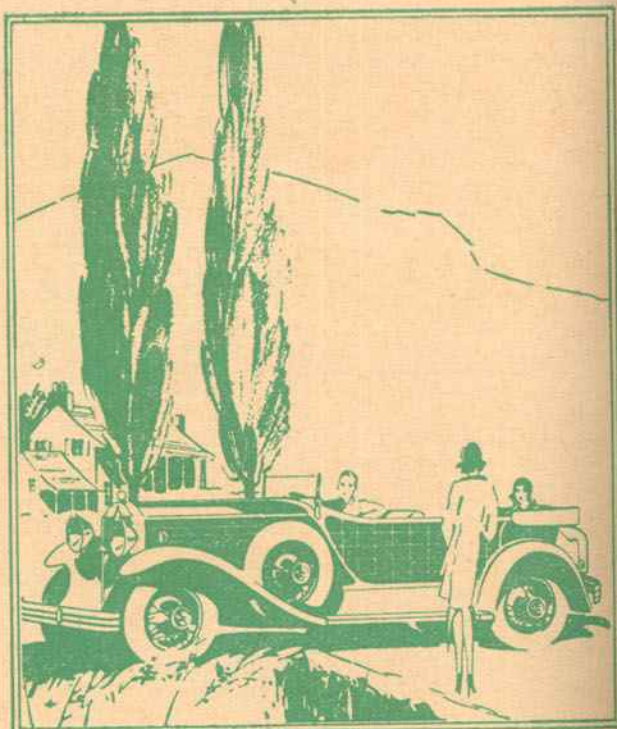
**MANUAL DO  
CONDUTOR DE  
AUTOMOVEIS**

Nova edição, muito melhorada e abrangendo os mais recentes progressos da industria automobilista.

*A mais completa obra do género  
que existe em lingua portuguesa*

DIRIGIR PEDIDOS ÀS:

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND  
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



**VILLYS-KNIGHT**

o mais distinto  
carro de 1930

**SIMAL**

LISBOA

4, Rua Serpa Pinto  
(AO CHIADO)

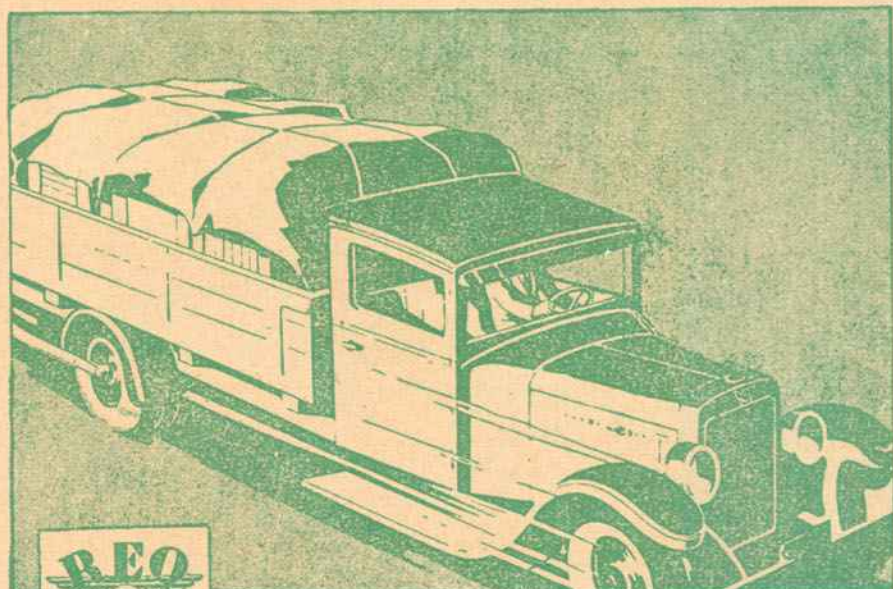
**MAGAZINE  
BERTRAND**

CONTINUA A MANTER  
A SUA SUPREMACIA

LEIAM O NÚMERO DE ABRIL

# REO\*

## CAMIONETES VELOZES



**Quanto mais rápida seja a marcha,  
maiores serão os benefícios**

As camionetes REO com capacidades desde 750 a 4.000 quilos de carga máxima, são de uma aceleração e de um rendimento que nada tem a invejar aos automóveis, mercê do seu novo motor "Gold Crown" de seis cilindros.

Sabe-se que uma temperatura adequada ao motor determina um melhor rendimento. Um invento exclusivo da REO evita que a temperatura entre os cilindros varie para mais de 4 graus e regula a temperatura do óleo em relação com as necessidades do motor.

Mercê dos bons serviços que proporciona o motor "Gold Crown" podem transportar-se cargas pesadas a velocidades muito maiores que as anteriores, assegurando portanto uma marcha mais rápida com o conseqüente maior benefício.

*Algumas das características do REO: Motor de seis cilindros, fundido em Cromo-Níquel, nova liga de grande duração; cambota em sete chumaceiras; travões hidráulicos às quatro rodas; transmissão de quatro velocidades e lubrificação automática do chassis.*

**4 velocidades, 5 travões.**

*\*REO são as iniciais de Ramson E. Olds, um dos primeiros fabricantes da indústria auto-motriz, fundador, com outros, há 27 anos, da REO MOTOR CAR COMPANY, e atual Presidente do Conselho de Direção da dita firma.*

**CONTRERAS & GARRIDO, Lda.**

AVENIDA DA LIBERDADE, 165-171 :: TELF. N-789 (PBX) :: LISBOA

# NADA DE CONFUSÕES!

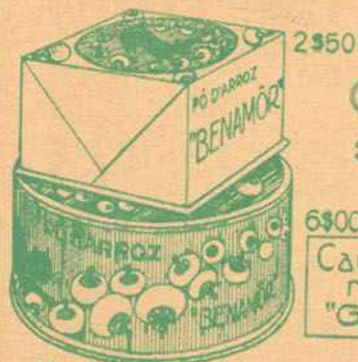
São estes os pós de arroz de "NALLY":

"GAVOTTE" "Marquitta" "ALLELUYA"



(Notre-Dame)

Magestosos produtos de beleza, inimitáveis pela qualidade, inconfundíveis pelo perfume e elegante apresentação!



Os produtos "BENAMÔR" são perfumados à base de essências de

Caixas do rótulo "GATO"

Nally

Caixas do rótulo "LILAZ"



Mas ouça, minha senhora: Não hipótese de haver algum estabelecimento onde lhe queiram vender qualquer outro produto pelos de "NALLY", não esqueça V Ex.<sup>ta</sup> que esse comerciante, olhando somente aos seus interesses, lhe pretende vender apenas, não o melhor produto, mas simplesmente aquele que mais lucro lhe deixa. E, neste caso, procure V Ex.<sup>ta</sup> os produtos "NALLY" noutra casa, da mesma rua, que por certo lá os ha-de encontrar — Reparar, com cuidado, que todos os produtos tenham a palavra "NALLY" nos seus rotulos, rejeitando por falsificados ou imitados os que a não tiverem.

A VENDA EM TODO O PAIZ, NAS BOAS CASAS



W  
a  
t  
e  
r  
m  
a  
nExigi sempre a  
Caneta  
(Ideal)  
WatermanA caneta que goza de maior  
reputação no mundo inteiro

Agência, 44 Rua dos Fanqueiros, Lisboa

W  
a  
t  
e  
r  
m  
a  
n

“VALET”  
Auto Strip  
Safety Razor



Maxima  
duracão,  
rendimento e economia

# **AUTOMOBILISTAS**

**O PRIMEIRO TRIUNFO  
DE 1930!**

**RALLYE INTERNACIONAL  
DE MONTE CARLO**

**A PRIMEIRA PROVA  
AUTOMOBILISTA DE IMPORTANCIA  
REALIZADA ESTE ANO**

**O 1.<sup>o</sup> 5.<sup>o</sup> 7.<sup>o</sup> E 9.<sup>o</sup>  
CLASSIFICADOS**

**USARAM  
GASOLINA E OLEO**

**SHELL**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO  
R. Ceclio de Sousa, 77-1.º  
(Ant. R. da Procissão)

Telef. T. 871

EDITOR: Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 104

# ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:  
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR:  
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE DE:  
EMPRESA NACIONAL  
DE PUBLICIDADE  
E  
AILLAUD LTD.

ADMINISTRAÇÃO  
R. Diário de Notícias, 78  
Telef.: T. 821 a 824

16 DE ABRIL DE 1930



O CRISTO DE BISCHOFSHHEIM. — OS ARTISTAS NOVOS, DAS ESCOLAS MODERNAS, AVANÇADAS, AO CONTRÁRIO DO QUE LHEIS SUCEDE EM PORTUGAL, SÓ, EM TODO O MUNDO ACARINHADOS NESTA BORA QUE É DELES POR DIREITO NATURAL. A IGREJA CATÓLICA, CONSERVADORA POR EXCELÊNCIA, NÃO FUGE À REGRA GERAL E AQUI TEMOS O MAGNÍFICO CRISTO DA IGREJA DE BISCHOFSHHEIM, DA AUTORIA DO ESCULTOR HANS WISSEL, CONSIDERADO COMO UMA DAS GRANDES INTERPRETAÇÕES DO CRUCIFICADO. A ARQUITECTURA É DE OUTRO ARTISTA JÓVEN, DOMENIKUS BOEHM E, COMO SE VÊ, IMPRESSIONANTE DE SUGESTÃO



# CRONICA DA QUINZENA

Natal, Ano Novo, Carnaval, Páscoa, revolução dos astros e das estações do ano, ritmo da vegetação e da vida humana, nascimento, morte, renascimento, periodicamente, no seu volver perpétuo, a grande obra do universo traz sempre à luz os mesmos alcátruzes. Uma série de variações sobre o mesmo tema musical, sempre idêntico, e sempre diverso: tal nos aparece o mundo em seu conjunto.

Do atrito dos homens com o ambiente nasceram artes e religiões que, de começo, outra coisa mais não foram do que a arte de utilizar, ou de evitar a força misteriosa, a substância invisível que reside em todos os seres, e lhes dá as qualidades que os caracterizam, de vigor ou de debilidade, de beleza ou de fealdade, de bondade ou de malignidade: força ou substância a que cada povo deu seu nome, mas que, em todos êles, significa a mesma coisa. Desde logo, porém, certos objectos e animais mostraram-se privilegiados quanto à posse d'esses poderes misteriosos, parecendo dotados de uma vitalidade, de uma pujança superiores. Foram êles: certos homens que inspiram veneração, os chefes prestigiosos, os sacerdotes, os velhos da tribo; depois, certos animais como a serpente, o touro, as aves, e ainda, o sangue que, em borbotões, jorra fumegante de uma ferida aberta. Também o fogo que parece dotado de uma força misteriosa, o vento que sibila e uiva, sopra as tempestades, arranca as árvores, e sacode as naus mais altas como se fôsem cascas de noz. Estão no mesmo caso as altas montanhas que, a topear as nuvens, parecem despedir o raio; as árvores frondosas e os bosques murmurosos, tal a floresta de Dodona, na antiga Grécia. Finalmente, as pedras caídas do céu num rasto de luz, e de que são exemplos bem conhecidos a pedra de Delfos, na Grécia, a pedra de Meca, adorada pelos árabes, a pedra negra de Possinonte, venerada em todo o Oriente, e que os romanos instalaram no Capitólio em memória da vitória alcançada sobre Anibal.

Para se preservarem do perigo que pode vir destas forças ocultas, ou para delas tirarem proveito, os primitivos usam de certos ritos. Os ritos chamados *miméticos*, repousam sobre a crença de que a imagem ou o símbolo valem a realidade. Assim é que imitando pela imagem, por gestos ou por palavras, nos dramas rituais, os seres e acontecimentos que desejam ver realizados, os primitivos esperam sujeitar o futuro aos seus desejos.

Os ritos de *agregação* permitem assimilar por certos meios físicos, como o contacto, as virtudes contidas nos objectos; inversamente, pelos ritos de *purificação*, o homem expulsa de si as disposições nocivas, as qualidades más. Mais complexos são os ritos de *passagem* de um estado a outro. Compõem-se, em

primeiro lugar, de um conjunto mais ou menos complicado, de ritos de purificação; vem a seguir um período de margem, espécie de quarentena que estabelece a reparação completa entre o mundo de que se sai e aquele em que se vai entrar, de forma que nenhum vestígio do primeiro persista no segundo; finalmente, vem os ritos de agregação pelos quais o iniciado aparece completamente transformado.

O conhecimento desta mentalidade primitiva é de uma importância incalculável. Enquanto ela foi conhecida não se compreendeu coisa alguma das religiões actuais; os filósofos, mesmo, não fizeram, a este respeito, senão retórica, apenas com menor abundância de interjeições. A consciência religiosa evolucionou; alguns dos seres depositários da substância divina impessoal tornaram-se deuses; de entre êstes, alguns, os reis, originaram os deuses pessoais. O Pharaó passa a Osiris; deus é um rei que reside no céu. Aparecem as religiões de salvação, que, mercê da unificação política, tendem a tornar-se monoteístas. Mudam as cerimónias do culto, transformam-se os dogmas, mas os instintos e emoções primordiais permanecem intactos. Por mais espiritualizadas que se nos afigurem, todas as religiões mergulham as suas raízes nas emoções primitivas, de esperança e de temor, nos instintos primitivos de conservação e de acrescentamento, ou, se preferem, de defesa e de dominação.

Pouco tempo antes do cristianismo, todas as religiões de salvação da bacia do Mediterrâneo, à excepção do judaísmo, possuíam já os seus *mistérios*, quer dizer, doutrinas e cerimónias que só podiam ser conhecidas dos iniciados. Todos se compunham, essencialmente, de um *rito de salvação*, em que se simulava a morte, mas em que esta era seguida de ressurreição, o que assegurava ao iniciado o renascimento depois da morte; de mitos etiológicos relativos à origem da instituição, e à biografia do homem que ao termo da sua vida terrestre viu abrir-se-lhe as portas da imortalidade; finalmente, de um *rito de comunhão* que vinha completar logicamente a história do fundador, visto que bastava o iniciado identificar-se com o deus que presidia ao mistério para, à sua imagem, ressuscitar depois de morto, e ter um lugar no meio dos Deuses.

Em todas estas religiões encontramos a salvação por meio de um intercessor divino que sofre, morre e ressuscita — Tammuz e Marduk na Mesopotâmia, Mithra na Pérsia, Osiris no Egipto, Dionysos-Zagreus e Athis na Phrygia.

Pois bem, se quisermos compreender o sacrifício, tal qual o vemos nas religiões mais avançadas, temos de perscrutá-lo nas suas origens. Vemos, então, que dos ritos de agre-

gação usados pelos primitivos o mais eficaz era o consumo dos objectos carregados de princípio divino; e era isto que constituía essencialmente o sacrifício, que antes de se tornar com o andar dos tempos uma oferta à divindade, era, simplesmente, a manducação de um deus ou do animal seu representante, o que, para o primitivo, tanto valia.

Nos primeiros tempos, sacrificavam o animal divino, comiam-lhe a carne a fim de se tornarem divinos como êle. Com o afinamento dos costumes, o deus foi substituído pela sua imagem. Em Denderah, por exemplo, os padres fabricavam todos os anos pãezinhos com a effigie de Osiris. Comendo êste pão, comia-se o corpo de Deus, entrava-se em comunhão com êle. Na Phrygia, no culto de Dionysos-Zagreus, não era o corpo, mas o sangue do Deus que os devotos desejavam assimilar. O equivalente escolhido foi o vinho; bebendo-o, o iniciado identificava-se à divindade.

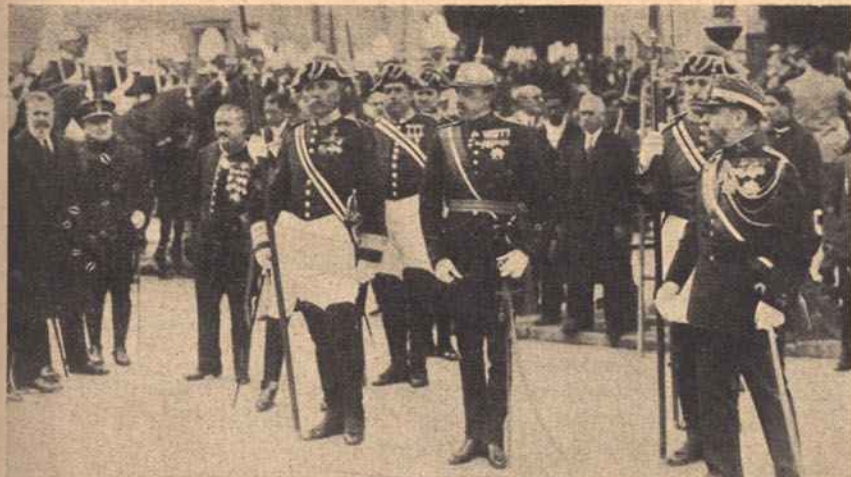
Êstes mistérios eram tanto mais sugestivos quanto mais se lhes associava a vida da natureza que, como o Deus, morre e ressuscita: As cerimónias que prometem a ressurreição do indivíduo são as mesmas que asseguram a renovação da natureza, para a qual a intervenção humana era julgada necessária. Nos mistérios de Cybele e nos de Eleusis, nas festas de Adonis e de Isis, chora-se o ano que finda, abre-se o caminho ao que vai entrar, faz-se brilhar o sol, e vêem-se carros simbólicos carregados de uma colheita abundante. A nossa procissão dos Ramos é um parente longínquo destas e outras festas semelhantes.

Tudo isto nos ajuda a compreender porque é que a luz do equinócio foi, em todos os tempos, a ocasião da maior festa do ano. Então, a luz — que também morre e ressuscita, — e o sol, — que na sua carreira corta o equador celeste em forma de cruz simbólica, consumando, assim, a vitória da luz, — coincidem ambos no mesmo movimento de ascensão, ao passo que na natureza tudo cresce, cantam o melro e o pintaroxo, tocam-se de flores as árvores, verdejam os prados pelos campos fora.

Passa, também, o sol então no signo zodiacal do cordeiro, e é nesta época que os judeus celebram a páscoa comendo um cordeiro, em memória da sua saída do Egipto. A dos cristãos, a princípio comemorada no mesmo dia, foi, mais tarde, transferida para o domingo seguinte, pormenor sem importância.

Assim, o drama da paixão e ressurreição de Jesus inscre-se naturalmente na vida da humanidade, como os gestos dos homens, que, tendo começado por acertar-se pelo ritmo dos astros, acabaram por insculpir-se na face do planeta.

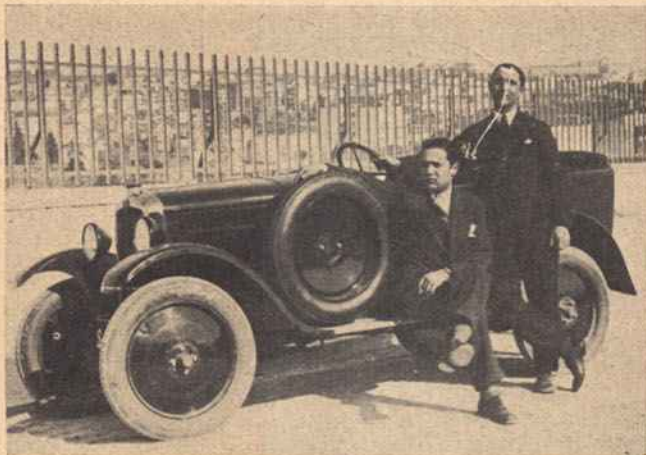
# ECOS E FACTOS



A ESQUERDA: — S. M. D. Afonso XIII, rei de Espanha presenciando o desfile de tropas, à porta da Igreja de S. Francisco o Grande, por ocasião das exéquias por alma de Primo de Rivera. No primeiro plano, à direita, o barão de Casadavalillos, novo chefe da Casa Militar do Rei.  
EM BAIXO: — D. Afonso XIII e o infante D. Jaime, saindo da igreja entre as alas de albardeiros.  
(Fotos Orrtos.)



NO OVAL, À ESQUERDA: — O grande transatlântico Europa de 31.000 toneladas, com 235 metros de comprimento 31 metros de altura e 27 metros de largo, para 2.200 passageiros e 1.000 homens de tripulação, movido a hélices Gargavil e que acaba de bater o record da velocidade em travessia do Atlântico.  
(Foto Orrtos.)



EM CIMA: — O novo gabinete alemão chefiado pelo católico dr. Brüning (na primeira fila, ao centro) e cuja vida parlamentar parece ser precária.  
(Foto Orrtos.)  
EM BAIXO: — O dr. Brito Camacho pronunciando, no Pôrto, na Associação de Jornalistas e Homens de Letras, a sua conferência sobre «O papel do jornalismo na vida das sociedades modernas»  
(Foto Alvaro Martins.)

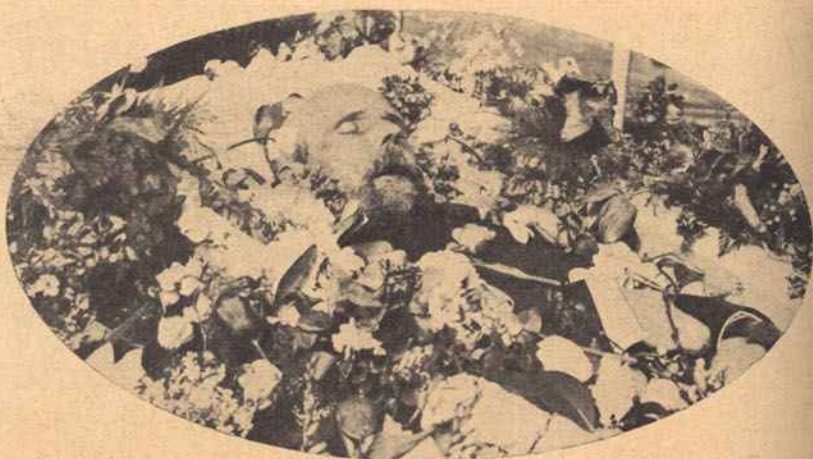
EM CIMA: — O belo carro Peugeot, 5 CV, que, conduzido pelos «sportmen» Alfredo Mota e Júlio Neto, realizaram uma interessante viagem de estudo para o estabelecimento do «record» Lisboa-Pôrto-Lisboa, controlada pelo Volante.  
EM BAIXO: — Aspecto do almôço íntimo oferecido no Nacional Palace, do Pôrto, ao dr. Brito Camacho por um grupo de amigos e admiradores do ilustre homem público e conferencista.  
(Foto A. Martins.)





MERCEDES PLANTADA

A formosa senhora Mercedes Plantada, a maior cantora de «lieder» de Espanha, que, no primeiro concerto de Oscar da Silva, em Barcelona, obteve um ruidoso successo cantando vários «Romances» do nosso illustre compatriota que obteve, também, as mais lisonjeiras críticas e entusiásticos aplausos ás suas qualidades altíssimas de compositor e executante.



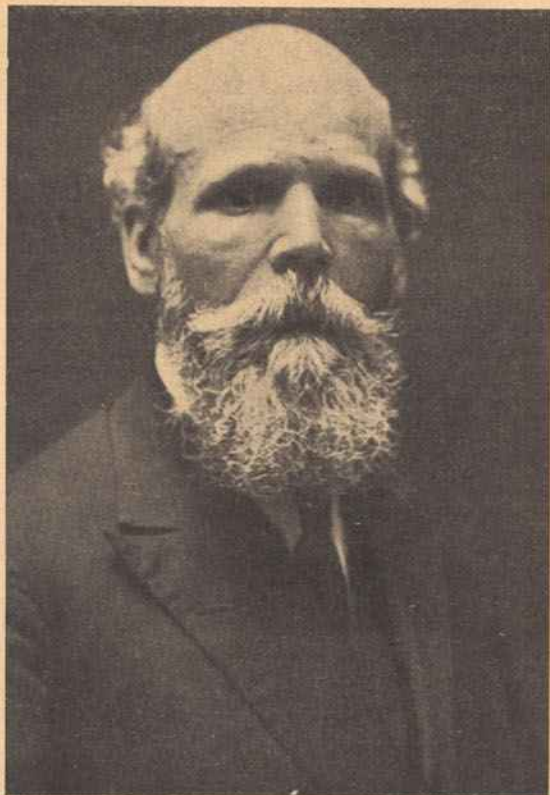
REINALDO FERREIRA (Repórter X)

(Caricatura de Teixeira Cabral)

A literatura policial, que lá fora encontra illustres escritores a cultivá-la, como Maurice Leblanc, Edgard Wallace, Gaston Lerroux, Hornung, Conan Doyle, Wells, Pemberton, etc., não tem em Portugal quem a trate, a-pesar do público, em geral, preferi-la como uma guloseima para o espírito. Entre os nossos, poucos, romancistas — citaremos Eça de Queirós e Ramalho, que fizeram «O Mistério da Estrada de Sintra». Da moderna geração, João de Sousa Fonseca, Reinaldo Ferreira (Repórter X) e poucos mais.

O Repórter X, que os nossos leitores tão bem conhecem, vai lançar brevemente *A Novela Policial*, que consta de um episódio completo cada semana, leitura emocionante, capa a côres, ao preço popular de 1 escudo.

Os primeiros números serão preenchidos com originaes do Repórter X — cujos títulos são promessa de um grande interesse para o público: *O Homem dos 3 braços*, *Os cinco cadáveres do dr. Máximo*, *A chave de prata*, *A espia de Bruxelas*, seguindo-se outras obras de autores nacionais e estrangeiros.



== A ==  
MORTE  
== DO ==  
PINTOR  
ANTÓNIO  
CARNEIRO

Luto nacional o que devia ter-se arvorado pela morte do maior pintor português depois de Columbano. O grande mestre portuense, beneditino da arte, freire da beleza, mago do desenho e da côr, desaparece deixando um lugar a que se não descortina ocupante. As nossas fotos representam:

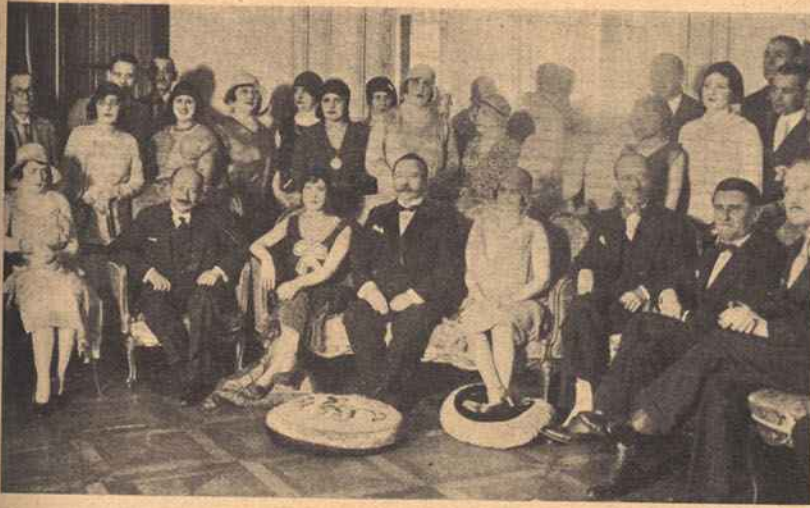
EM CIMA, no oval: — António Carneiro no seu leito de morir, rodeado de flores

AO CENTRO DA PÁGINA: — A saída do feretro da igreja do Carmo, aos ombros dos alunos da Escola de Belas Artes do Porto

(Fotos A. Martins)

À ESQUERDA: — O último retrato do pintor-poeta

(Foto Medina)



Recepção no Club Brasileiro de Buenos Aires. Assis-  
tência elegante entre a qual se vê o sr. Marquês de  
Faria, dando à direita à sr.<sup>a</sup> Embaixatriz do Brasil,  
que tem a seu lado o Ministro de Portugal,  
dr. Jorge Santos e o Barão Paranhos do Rio  
Branco, e à esquerda à sr.<sup>a</sup> D. Maria Inês  
Carmona Santos, que tem ao seu lado o Em-  
baixador do Brasil, dr. Rodrigues Alves



NO OVAL, à di-  
reita: — O maes-  
tro Afonso Va-  
lentin ilustre  
regente do Orçêo  
Lusitano, do Pôr-  
to, figura de  
grande destaque  
no meio musical  
e que levou  
aquele agrupa-  
mento ao mais  
alto estado de  
perfeição

A DIREITA: —  
Em OVAR — As-  
pecto da Procis-  
são do Senhor  
dos Passos cefe-  
tuada com o  
maior brilha-  
ntismo naquela  
linda vila. A  
saída do templo.

NO OVAL, À DIREITA E  
EM BAIXO: — A procissão  
atravessando as ruas da vila  
(Fotos B. Paulino.)

NO MEDALHÃO DA ESQUERDA:  
— Casamento realizado em Sá da  
Bandeira (Angola), de D. Benvidá  
Silva, com o sr. Albérico da Rocha



Lourdes da Silva, filha do sr. Manuel Raimundo da  
Lima, funcionário do Caminho de Ferro. Os noivos,  
após a cerimónia durante a qual tocou órgão o maestro  
Fernando Atoz

EM BAIXO: — O pintor João Carlos que expôs, com  
triumfante êxito, os seus trabalhos na Liga Naval, e a  
quem nos referiremos detalhadamente no próximo nú-  
mero



Engenheiro Mário A. Lopes, recentemente falecido no  
Pôrto e que, além de distinto profissional a quem a  
Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte deve altos  
serviços, era um gentilíssimo espírito e uma bela figura  
moral

NOTA DA REDACÇÃO. — Grave e imprevisível doença  
do nosso querido director desorganizou, momentânea-  
mente alguns dos serviços de redacção de que o nosso  
amigo é o directo orientador. Esta a razão de várias  
gralhas e deslizes nos dois números anteriores, algu-  
mas e alguns de certa importância. Devemos salientar  
a troca de gravuras que substituiu ao retrato de D. Ma-  
rina Dewander Gabriel o de uma outra ilustre senhora  
e o lapso que fez confundir o sr. coronel Corrêa dos  
Santos com o sr. almirante José Francisco da Silva, um  
e outro conferentes na prestimosa Casa do Algarve.  
Dêtes e de muitos outros pecados jornalísticos cometi-  
dos espera a redacção obter indulgência dos seus que-  
ridos leitores e amigos



# AS CAMÉLIAS

A noite, ao recolher, encontrara de cima da mesa um rubescente ramo de camélias. Seriam as últimas da sação, mas tão louças, tão ostentosas que, na casa modesta, dir-se-iam daquelas travessas e gnômicas divindades que entravam pelos cenóbios dos bons solitários a fazer-lhes pirraças e judiarias. Fínceza anônima, devia proceder de pessoa que sabia quanto gostava destas flores da luz curiosa, movido não da sugestão romântica mas do milagre do colorido e forma com que se fazem perdoar não serem perfumadas. Intrigado, com desvanecimento ficou a scismar na criatura que tivera a bizarra lembrança e se escondia.

Era de crer que o seu hálito houvesse batido o véu finíssimo das pétalas; banhara-as e sensibilizara-as, correspondendo a secreta pulsação, a chama dos seus olhos; e, pois que por ela passara, a imagem amável lá estava, lá devia estar. Mas era uma doce sombra de que se não podia perceber. E a fugir ao vago langor, entregou-se ao prazer tóo visual de admirar as camélias, admirar com o enleio e engenho das crianças que transpiem para magníficos mundos coisas de nonada.

Mas o amigo anunciou-se.  
— Maganão, flores da apaixonada! — proferiu ao avistá-lo com o ramo em face como o devoto junto ao altar.

— Enganas-te. Encomentel-as na praça.  
— São então para oferecer? Se os olhos me não enganam, o Senhor \*\*\* já anda desconfiado.

Aquelas palavras, de salto ficou sabendo quem lhe mandara as camélias. Fora ela, sem dúvida, e tomou-o o grande receio de que semelhante suspeita se arrigasse no espírito do amigo, que era de seu natural invejoso e inclinado à intriga. Era preciso atalhar com rasgo e firmeza e, desembaraçadamente, proferiu:

— Não, senhor. Na jarra onde as vês lá

murcham. Homem, não comprehendes que adoranda em as camélias, as mande arranjar só para mim regalo?

— Eu te digo: também gosto de flores; se me vires, porém, uma rosa na botocira é por que ma lá meteram; se as encontrares em minha casa, é por que foi dádiva. Por um cravo, um manjerico, sou capaz de escalar um jardim, guardado pelo dragão de cem cabeças, para oferecer à minha dama! Fora disto, talvez porque muito goste de flores, prefiro vê-las na planta.

Dissera estas palavras com ares enfáticos, picado do despeito de se lhe ver negada a confidência que esperava ou, quem sabe, pretencioso como era, da emulação de sentir-se preterido. Pelo que, em tom de ligeiriza, ouviu esta réplica:

— As camélias valem pelo que são. Mas tu nunca olhaste para elas com inteligência. Es um bárbaro, meu caro, um bárbaro!

— Não, nunca as examinei com olhos de botânico — tornou no mesmo tom presumido.

— Aprecio nelas a viveza das tintas; aprecio o verde da folha, dum lume tão quente e sensual que embebeda os olhos. Também sei que as camélias são flores de luxo, apenas de luxo, sem perfume como hetairas sem pudor. Têm um nome horrível, de *parvenus*; que são, ainda, ao apêlido de guerra das cortezas. É quanto basta para formar uma ideia suficiente.

— É poico. É o juízo que faz delas o boi, o labrego, a uenina que enfeita com elas a floreira da sala de jantar. Não me surpreende! Há em certas coisas um encanto que apenas se entrega a quem lhes conhece, como hei de dizer? a quem lhes conhece a sintaxe.

— Indica-me a gramática onde isso se aprende! — redarguiu, torcendo os lábios num esgar de ironia.

— Vem cá, é facilmo — responderam com uma paciência, um intono quasi de pedante-ria que lhe não era próprio, mas que servia

para cortar ao pensamento do amigo a vereda teimosa. — Se olhares para estas camélias, o que primeiro te fere a vista é a cor, não é assim? Bem, recordamos o plano. Por uma circunstância que não vem para o caso, são tôdas vermelhas. Porém, se o vermelho é a tônica, o matiz estende-se a tantas variações quantas pode a retina conceber. Nada falta, desde o carmezim cereja, com fulgôres de granada, ao cor de rosa suavíssimo a diluir-se em nácar. Num só exemplar, por vezes, a gradação é mais subtil que as cambiantes no colo duma pomba. Noutros, o rubro é unido e inquebrantável como enopadas em vermelho de Saturno. Temos, portanto, aqui, uma primeira maravilha...

— Sabia-se — proferiu com uma secura em que o interlocutor pareceu não reparar, pelo que continuou no mesmo tom acadêmico:

— Não, estas coisas estão à superfície e não se vêem; são os segredos a descoberto que ninguém procura desvendar. No mundo dos fenômenos há um discursivo que requer dos olhos uma espécie de virginalidade. Olhos pantelistas de criança ou de poeta.

— Édipos, ah!

— Não rias e repara-me para esta camélia cor de sangue, com veias translúcidas, duma anatomose que seria invejável na pele da face duma rapariga loira! Raiada de estrias pálidas, não parece uma estrela do amanhecer? E aquela irrisada como roséca! E esta outra com beta alva de neve a dividir o limbo das pétalas contra um fundo cor de salmão! E esta, em que o encarnado se apresenta jaspado de violeta para a periferia e de guache para o centro, com as pétalas, sobre o redondo, num decrescendo harmonioso até formar o coraçãozinho de alabastro! Observa como na combinação com o branco, rodadas, cruciadas, irradiadas, com um leve rocio de aljófar, mosqueadas a máculas largas, são simétricas e caprichosas tais as faianças dos oleiros mudjares!

# SCHERZO

— De facto.

— Atende agora à disposição das pétalas. Dentadas, lancioladas, aculadas, redondas, imbricadas de tal maneira que projectam um funilho de sépia umas sobre as outras, não está aqui o mais curioso e singular jôgo de curvas?! Há ainda a revelar nas camélias a configuração linear da face, a qual mostran-do-se plana, deprimida, convexa, como os ciclamens, como as dalias, como as rosas, é um outro mundo de belas e curiosas aparências. E, se não abstrair da folha, nem do botão com as suas tintas, com as suas formas, depaeram-se-me outros e variados diagramas. Tudo isto constitui a sintaxe estética da flor.

— Não têm perfume — observou o amigo, perdido de vista o pensamento que dera aso à dissertação.

— Se fossem aromáticas, o seu aroma seria um veneno mortal.

— Porquê?

— Porque tôdas as perfeições juntas dão na monstruosidade.

— Onde acaba a escala das perfeições?

— Onde mo indica a sentimento de relativo que tenho da natureza.

— Não é original na paixão...

— Nem me importa. Uma camélia, para mim, transverte-se para o mesmo teatro em que me delicia a vêr um podador a arredondar certa árvore da rua, uma formiga a acarrear para o celeiro a carrada imensa do grão de trigo. É nisto que encontro o tal discursivo de que falei há pouco. Fora dêle, vida, mulheres, arte, jôgo da inteligência, não me interessam — e, aliviado na certeza de que desviara da bela criatura a suscita perigosa, voltou em silêncio a adorar as flores, tão ciosas, dir-se-ia, da sua beleza, que não se estiolam, não murcham, mas se despegam do hastil e caem ao chão, como suicidas.

(DESENHO DE TAGARRO)

# SCHERZO

# ARQUILINO RIBEIRO







Artista espontâneo, vibrante, de instinto, António Vitorino, da dinastia dos grandes baristas caldenses, expôs, triunfalmente, em Lisboa. Da dinastia do grande Rafael Bordalo, de Manuel Gustavo, do velho Elias, António Vitorino cultiva, com igual amor, as pequenas figurinhas populares, os quadrinhos bucólicos, a graça delicada dos animais

# ANTÓNIO VICTORINO

UM  
GRAN-  
DE  
ARTIS-  
TA  
POR-  
TU-  
GUÊS



nossos amigos surpreendida em fragrância encantadoras. Na nossa página, de justa homenagem ao simpático artista, reproduzimos, além dum retrato do escultor (Foto Medina), os barros *Vinho novo*, *Agua que as fontes dão* e *Cabras no monte*, que mais flagrantemente mostram as várias facetas do talento de António Vitorino, miniaturista em barro.

MUSEU DO PRADO

MADRID



FRANCK (O JOVEM)

Leitura da sentença  
de morte de Jesus  
Cristo e sua apre-  
sentação ao  
povo

# MODAS

## DE PARIS

OS ÚLTIMOS MODELOS CRIADOS POR

### CHANTAL

NA CIDADE LUZ E FOTOGRAFADOS PELO  
ESPECIALISTA «LUIGI DIAZ» PARA A  
«ILUSTRAÇÃO»

NO OVAL: — Fato de sport. Casaco em tweed grosso,  
com pintas, castanho bege e amarelo. echarpe em  
velludo igual à saia que é lisa e ao cinto que fecha  
com uma fivela de madeira



Extravagante e original vestido de *sotrie* desenhando o corpo, bem cingido, duma grande simplicidade de linhas e executado em crêpe georgettes branco ou creme

A DIRRETA — Um pijama último estilo, em crepe rosa e setim em rosa de outro tom, cinto em setim e chinelinhas iguais. O pijama compõe-se dum «macaco» completo e casaco para vestir por cima



## VISÕES DA SICILIA

A CELEBRE "OPERA DEI PUPÌ",  
BONÉCOS HUMANISADOS

*Opera dei Pupì* é o espectáculo de *mariottes*.

Trata-se de uma nomenclatura especial ou, melhor talvez, de uma nomenclatura local. A palavra *opera* é para conseguir dar o alto significado da representação que a palavra «spectáculo» não atinge.

Na Sicilia, este género de teatro criou autênticas notabilidades. Entre elas, destacam-se os nomes dos irmãos Gregório e Angelo Grasso, de Catania.

João Grasso foi, juntamente com Nino Mortoglio e Angelo Musco, um dos criadores do teatro *pupì*, com dialecto siciliano, e um inovador destes espectáculos.

Na ilha da Sicilia ainda todos se lembram do que foi a representação da «Cavalaria Rusticana», pela *Opera dei pupì*, em que «Alfio» — perfeito na imitação — em dado momento, metia a mão na algibeira das calças, tirava um fósforo, acendia o cachimbo e fumava; foi um tão estrondoso sucesso que a recordação daquela noite ainda existe e perdurará sempre na memória daqueles que assistiram a tão célebre espectáculo.

Angelo Grasso era um artista, um verdadeiro artista. Trabalhador e persistente e uma curiosa figura de *metteur en scene, sui generis*.

As «marionettes» sentiram a influência do seu génio.

Havia ocasiões que seria o bastante elas quebrarem os fios que as sustinham e movimentarem-se por si próprias para se dizer que possuíam a célula da vida, tão extraordinária era a naturalidade que Angelo Grasso lhes sabia imprimir.

O teatro *pupì*, com a morte deste grande artista, desapareceu temporariamente.

Depois, reviveu nas mãos de João Grasso, Angelo Musco e Salvador Notirco. O ambiente, porém, era restricto para que, no seu seio, eles podessem erguer os seus vãos de águas.

Actualmente só três nomes fazem singrar a interessantíssima *Opera dei Pupì*: Zappalá, Insanguine e a família Greco.

Este último é aquele que, pelo seu génio *marionetístico*, mais se aproxima de Angelo Grasso. Consagra todo o seu tempo e toda a sua arte para o bom êxito dos espectáculos, aos quais procura dar a maior magnificência.

A família Greco é composta de pai, dois rapazes e duas raparigas. Qualquer dêles constrói os bonecos. Contorna as madeiras disformes, aplaina, lima e transforma-as em guerreiros, nobres, princesas ou animais;

corda e cose o guarda-roupa rico e luxuoso. Idealiza armaduras, couraças, elmos, espadas e tudo quanto é necessário para dar, com aqueles bonecos, uma ilusão de vida, aos apreciadores daquela interessantíssima arte.

UM ESPECTÁCULO NO TEATRO  
DA FAMÍLIA GRECO

O teatrinho da família Greco, fica situado numa rua estreita de Palermo. A porta, Aquiles Greco, o pai, faz a venda de bilhetes e os irmãos Ermenegildo e Alexandre assistem à entrada dos espectadores até à hora de começar a representação.

Depois, somem-se por uma pequena porta aberta a lado do palco e um rapazote, cuja idade varia entre os 10 e 12 anos, senta-se junto a uma pianola, pronto a mover a manivela. A sala de espectáculos é um corredor largo, com cêrca de vinte metros de comprimento e duas coxias centrais, os assentos são bancos enfileirados.

Sõam as três pancadas molierianas. A luz apaga-se na sala e o pequeno movimento desenfreadamente a manivela da desafinada pianola. Vai começar a representação. *Rugero salva a princesa Aladina*, é o título da primeira scena.

Rugero entra armado de elmo, escudo e couraça.

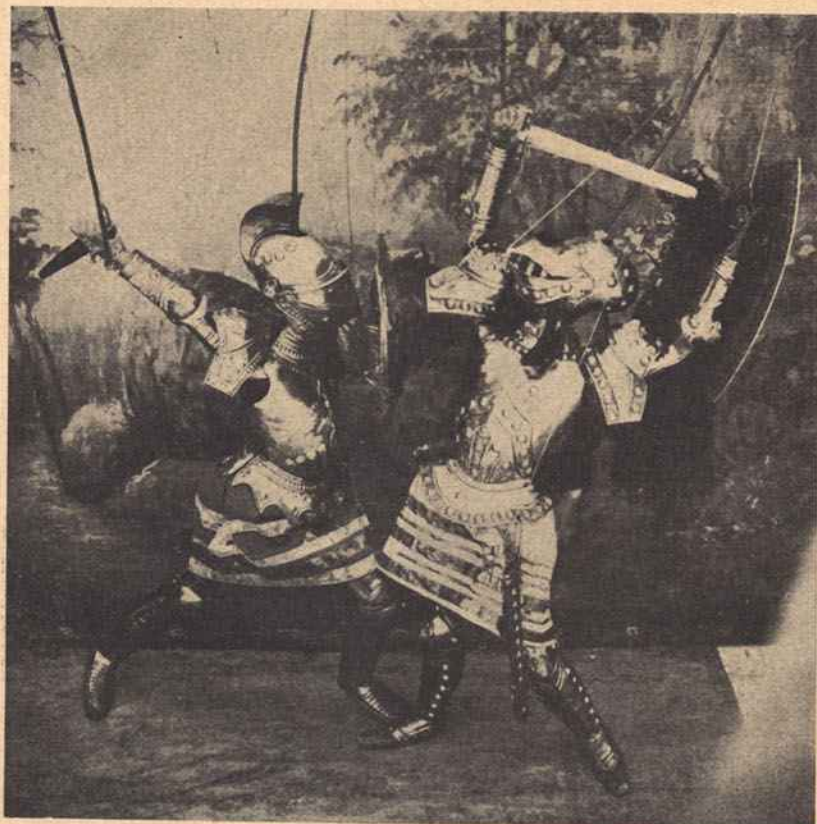
Passeia de um para o outro lado da scena, agitado e nervoso. Cobras e crocodilos enormes pretendem devorá-lo.

Rugero defende-se com energia e mata a bicharada.

A princesa Aladina, graciosa e gentil, surge. O cortesão saúda-a com um rasgado cumprimento e dirige-lhe palavras amáveis. Ela sorri e agradece a deferência; está ali para que ele a salve. Rugero apresta-se para a defender de um grupo de saltadores que, brandindo varapaus, avança. De espada em punho, ataca os insolentes, vence-os e foge com a linda princesinha. O chão fica juncado de cadáveres e, enquanto um grande número de bicharada se banqueteia na abundância dos despojos macabros, o pano desce.

A seguir, outra scena, representa a ferocidade de Gano di Magonza e a alma do cavaleiro Rugero, que se dirige para o céu como se fôra uma borboleta de azas brancas levada por dois anjos. Depois outra, mostra-nos a corte de Carlos Magno. O imperador entra; caminha lento e magestoso; fala e gesticula largamente, sempre Carlos, Magno. Ainda outro quadro representa uma renhida batalha entre cristãos e sarracenos e, finalmente, ao som da música *Valencia*, um artístico bailado.

O espectáculo findara. Eu, como toda aquela gente que enchia o teatrinho, acabei por ser absorvido pelo drama e a querer bem aos protagonistas de madeira, tão hábilmente humanizados pelas mãos artistas da família Greco.



# LIVROS

## E

# ESCRITORES



Corrêa Calderon

ÍNDICE DE UTOPIAS GALLEGAS (Ensaios)  
— CORRÊA CALDERON — Biblioteca de Estudos  
Gallegos — Companhia Ibero-Americana de  
Publicações — Madrid.

É um belo livro. Livro de alguém que ama a sua terra e que embora no título classifique de utopias tôdas as grandes aspirações da Galiza, nos dá a perceber que não descreu um momento de que essas aspirações se realizem.

Condena o bairrismo exagerado de muitos como limitador de propaganda e prega a boa cruzada daquele meio termo de bom senso onde a sabedoria dos povos colocou a virtude.

Como alvitre curioso que mais de perto nos interessa citaremos essa proposta de ser modificada a ortografia galega mudando o *ñ* e os dois *ll* para *nh* e *lh*, à portuguesa, para que os livros galegos pudessem mais facilmente encontrar leitores em Portugal e Brasil.

Da leitura do livro fica-nos uma impressão de patriotismo forte, sem exageros mas sem desfalecimentos.

Querer *sensatamente* à sua terra é uma virtude de Corrêa Calderon.

AS DUAS PAIXÕES DE SABINO ARRUDA (romance) — por CAMPOS MONTEIRO — Livraria Civilização — Pôrto.

Sabino Arruda, o bi-apassionado cuja história amorosa e política o sr. Campos Monteiro deslinda, foi um cogumelo venenoso daquela estremeira revolucionária de 19 e tal, portanto, um tipo caótico que já perdeu o débil e fugaz interesse que nessa data possuía como tortulho virente.

Deixemos porém o Sabino e falemos do livro. O romance do sr. Campos Monteiro perde, como obra literária, por nê se interseccionarem, paredes meias com o enredo principal, três ou quatro novelas cujo entreccho desfoca o

plano central tornando confusos o enredo e a leitura.

Todos os personagens dessas três ou quatro novelas tem vida, carácter, existência real, pena é que não siga cada um o seu caminho, fazendo vida à parte, como na história dos «Irmãos do Barbeiro» que Sheherazade contou, para ganhar tempo, ao sultão de Casgar.

A ascensão política do taberneiro Arruda não merecia as honras de longo romance.

Estamos habituados a vê-los subir a galope. Gostaríamos muito mais dê-lo como protagonista de um dos quatro ou cinco episódios que judiciosamente podiam encher as trezentas e cinquenta páginas da obra.



Campos Monteiro

POBRESINHOS DE CRISTO (Contos) — por NUNO DE MONTEMOR — Empresa Veritas — Guarda.

Todos os que vivemos em uma terra de sol sabemos por experiência o que seja palmilhar leguas de caminho sem uma árvore, sem uma venda, sem uma fonte. Todos igualmente sabemos quanto vale a fonte ou a venda ou a árvore depois dêsse longo e rude peregrinar.

Sensação idêntica de repouso fresco foi essa que o meu espirito derreado colheu da leitura de «Pobresinhos de Cristo». O meu paladar guloso de boa linguagem saboreou o estilo. A minha alma ávida de manjares simples saciou-se no ambiente do livro.

A minha qualidade de pobre sentiu-se acompanhada pelos que vivem e sofrem nas pequeninas novelas que formam o volume, e o meu espirito crítico, à vontade como poucas vezes, ponde sinceramente bendizer e louvar.

«Pobresinhos de Cristo» é um livro e, Deus louvado, ser um livro é ser muito em época tão gafa de fruto péco e tão pobre, tão misérrima de beleza em letra de fôrma.

«A Rosa-Riso», «A Excomungada», «A mulher do Bruno», «A Milhareira», são contos primorosamente urdidos que levam o seu autor a uma categoria raras vezes atingida pelos contistas portugueses.

Em «A Milhareira» a forma, o assunto e a emoção casam-se para formar uma peça literária digna de uma antologia severa e exigentemente compilada.

«Pobresinhos de Cristo» é um livro que faz

bem e nos leva, de boa vontade, para êsse Deus acessível e simples que os pobres compreendem e os filósofos ignoram.

Passa em tôda a obra um sôpro de verdade cristã, ingênua e clara, sem meandros de casuística nem terrores dogmáticos.

Os «pobres» de Nuno de Montemor são realmente «de Cristo», irmãos de Esse que aos discípulos afirmou deverem para sempre existir pobres de bens entre os apóstolos da Boa Nova.

O ÚLTIMO ABENCERRAGE DA GALANTARIA (Novelas dialogadas) — por JOÃO VERDADES — Secção Editorial de «O Século» — Lisboa.

Romance dialogado que podia muito bem não o ser. Apesar dêsse precalço de forma o livro do sr. João Verdades merece um bilhete de agradecimento de todos os que passaram o meridiano terrível dos quarenta invernos.

Tôdas as mulheres que andam à roda do «Último Abencerrage» provam cabalmente em suas falas que não é sob tal meridiano que se encontra o Mar tenebroso da vida do coração.

As mulheres, devido talvez àquele eterno *insatisfello* que pungia certa personagem de Goethe preferem, diz-nos João Verdades, para uso de suas almas e corpos aqueles «Don Juans» que tramontaram a curva perigosa dos trinta e cinco.

Quando uma obra nos traz ao coração empedernido um raio de esperança, embora pouco fundada, não a devemos condenar. «O último abencerrage» é um livro consolador mesmo para aqueles a quem o tempo ainda tenha deixado na categoria de penúltimos abencerragens.



Luis de Sá Cardoso

**A MULHER QUE PARECIA DE GELO** (romance) — por LUIS DE SÁ CARDOSO — Livraria Civilização — Porto.

Não há, nem nunca houve, mulheres de gelo. A própria mulher de Lot foi de sal depois do castigo divino.

Não há, portanto, mulheres de gelo. Há maridos obesos ou não obesos, que teem o condão de gelar tódas as mulheres.

No livro do sr. Sá Cardoso há um destes maridos e... uma mulher. O pior é que o amante, o inevitável amante, usa pistola e vai, em pessoa, de «Brownings» aperrada, revelar ao marido infeliz a situação digna de piedade que lhe arranhou. Diz-lho apontando a arma. Depois atira-lhe umas folhas de papel selado, para o entreter e foge, safa-se, deixando o pobre homem fechado por fora, a ler o mais saboroso dos pedidos de divórcio.

O assunto, como vêem, é de todos os tempos, menos a valentia do remate que, esperamos em Deus, deve ainda ser profética, pois julgamos não ter chegado ainda a tão perigosos extremos a ruína matrimonial dos lares portugueses.

O autor, que não escreve mal, podia ter escolhido outro assunto. Há muitos anos que vimos assistindo a demolições, e temos saídas de um pedreiro, um valente pedreiro literário, que inaugure e cimente os alicerces duma obra de moral construtiva.

O adultério, à força de banal, vai desaparecendo de tódas as obras de arte, incluindo o próprio teatro francês, onde foi durante um século o molho de vilão de tódas as peças mais ou menos *faisandées*.

Neste romance todos transigem, todos, até a austera mãe, D. Leonor, mal em Paris nasce um neto, filho do novo marido da filha, arranja as malas e embarca no *Sud*.

Até Aninhas, a velha criada, inimiga de tudo quanto é novidade, pede para ir com a senhora e... vai.

Vai. Vão todos. Só no nosso espírito fica a saúde das nobres tradições da família portuguesa.

Há tantos assuntos...  
O divórcio é tão banal!...

**LANCELOT** 28.º-7.º (Crónica) — por AGUSTIN ESPINOSA. — Ediciones A. L. F. A. — Madrid.

Itinerário de uma das Ilhas Canárias. Itinerário? Talvez, ou nem tanto ou muito mais.

No livro vê-se melhor o autor do que a Ilha, apesar dos gráficos que elucidam (?) o texto. A impressão que me deixou a leitura de «Lancelot

28.º 7.º foi esta: Gostavamos de conhecer Agustín Espinosa.

Porquê? Porque deve ser um espírito raro, polidrico, caprichosamente facetado. E o livro? É mau? Não.

É bom? Não.  
É um livro curioso, estranho, obra de cabeça estroina com muito dinheiro, ou muito talento — que é o dinheiro das cabeças.

Quem o lê de corrida não percebe e fecha-o no primeiro capítulo. Quem o lê de vagar torna a lêr. Porquê? Porque em «Lancelot» há muito para além da forma arrojada.

Nesta, há uma criança a brincar, para além dela sente-se o homem de talento, pensando.

Quando a criança crescer a ponto de igualar o homem, surgirá o Artista perfeito.

Esperemos, confiados, a transfiguração.

**TRES DIAS CON LOS ENDEMONIADOS** (reportagem) — por ALARDO PRATS Y BELTRAN — Editorial Cenit — Madrid.

Assunto curioso e curiosíssima reportagem. *Endemoniados* é o livro de um jornalista sem pretensões complicadas de estilo, escrito com a



António Botin Polanco

guiando um grande triunfo de jornalista que justamente se reflectirá num belo êxito editorial.

**EL, ELLA Y ELLOS** (romance) — por A. BOTIN POLANCO — Renacimiento — Madrid.

*A história não existe — A vida começa agora mesmo* — sub-títulos epigrafando o primeiro capítulo da obra. Botin Polanco cultiva o momento e dele pretende extrair tódas as emoções. Consegue? Tenta-o, pelo menos, merecendo sem contestação aquela promessa implícita de Confúcio que serve de lema ao presente livro: «A quem não trabalhar ansiosamente eu não ajudarei a progredir. Aos que não lutam pela expressão eu não a revelarei».

Botin Polanco terá, de futuro, um bom amigo no filósofo chinês.

**GUIA DO VIAJANTE EM PORTUGAL.**

Carlos de Ornelas, continuando a obra de Mendonça e Costa, modernizou, como era necessário, o velho «Guia», introduziu-lhe novas secções utilíssimas, depurou, corrigiu, alindou-lhe o aspecto gráfico e produziu obra que o honra e que tem uma utilidade insofismável para todos quantos queiram deslocar-se em Portugal seja para fins turísticos ou utilitários. Excelente publicação, portanto.

**GUIA PROFISSIONAL TELEFÓNICA** — J. CÔRTE REAL.

Obra de utilidade prática, feita com esmero e inteligência vem preenchendo uma falta que se fazia sentir no nosso meio comercial. A forma como as indicações estão dispostas torna fácil não só a busca dos números telefónicos como também a escolha das casas de todos os ramos de comércio. Agradecemos os exemplares enviados.

**COMO MONTAR UMA BOA ANTENA** — (PHILIPS RÁDIO).

A casa Philips Rádio acaba de publicar uma interessante descrição das condições a que deve obedecer um bom receptor de T. S. F. O pequenino volume é profusamente ilustrado com desenhos elucidativos da perfeita montagem duma instalação rádio-eléctrica.

Os que se interessam pela T. S. F. teem neste livro um auxiliar precioso.

C. DE M.



Alardo Prats y Beltrán

vivesa peculiar nos que sabem ver e possuem o dom raríssimo de traduzir o que viram em língua corrente sem exageros e sem omissões.

A cura dos endemoniados na Cova Sagrada é um espectáculo medieval a que assistimos cheios de espanto, levados pela mão do autor que se mostra um perfeito cicerone.

Prats y Beltran consegue dar-nos a cor local e criar o ambiente de verdade e estranheza que torna possíveis e visíveis as scenas inverosímeis que descreve.

Vê-se, lendo *Endemoniados*, que pelas serras de Espanha o progresso não tem caminhado a par do tempo. Como há três ou quatro séculos, na Cova Sagrada de La Bajna celebram-se ritos cruentos de magia exorcismando-se, tão valentemente como outrora, o Porco Sujo, quando êle tem a desfaçatez de introduzir-se nos corpos e perturbar as almas.

Na Cova Sagrada o diabo reina ainda a espasmo, como senhor absoluto, até que a sciência exorcismante das pitonisas o despeça e relegue inofensivo e paralitico para as solidões planas do Mar Coalhado.

Isso tudo nos conta em boa e simples linguagem castelhana Alardo Prats y Beltran conse-



Agustín Espinosa

(Desenho de Puyol)

# UM PLANO GIGANTESCO

## O TUNEL SOB O ESTREITO DE GIBRALTAR

A SUA IMPORTANCIA ESTRATEGICA EM CASO DE GUERRA — O TUNEL SOB O ESTREITO DE GIBRALTAR HABILITARIA A AMERICA DO SUL A FURTAR-SE A INFLUENCIA DOS ESTADOS UNIDOS

ILUSTRAÇÃO

### ENTREVISTA O GENERAL DAMASO BERENGUER

CHEFE DA CASA MILITAR DO REI DE ESPANHA, EX-GENERALISSIMO DO EXERCITO ESPANHOL E ACTUAL CHEFE DO GOVERNO DO VISINHO REINO

O tenente-coronel de artilharia Don Pedro Jenevois, ajudante de campo do rei Afonso XIII de Espanha, publicou recentemente um livro intitulado *El tunel submarino del Estrecho de Gibraltar*, livro esse que causou sensação nos meios militares e científicos de Espanha.

O livro do tenente coronel Jenevois é um sério estudo acerca da possibilidade — eu deveria antes escrever: a necessidade — de construir um túnel sob o estreito de Gibraltar. Prova o autor que a efectivação do plano está dentro dos limites da possibilidade sob o ponto de vista da técnica e que apenas custaria uns trezentos milhões de pesetas. Seria uma realização que permitiria beneficiar a humanidade inteira, e deste modo o grande sonho da Inglaterra: de Londres à Cidade do Cabo por caminho de ferros, viria a constituir uma realidade. O tunel partiria de Tarifa, o ponto mais ao sul da Espanha: essa pequena cidade transformar-se-ia numa das mais importantes vindo a ser o centro das linhas ferro-viárias que ligariam a Europa com a África do Sul, com a Ásia (através de Alexandria, no Egito) e com a América do Sul por meio de Dakar.

A Espanha precisa de tirar vantagens da sua situação geográfica. Nesta era de comunicações internacionais, a situação da Espanha é das mais favoráveis visto este país estar no cruzamento das principais estradas do mundo.

O Estreito de Gibraltar, elo marítimo que liga os dois grandes mares da civilização — o Mediterrâneo e o Atlântico — ganharia importância ainda maior do que a que tem desde que o plano do tunel fôsse levado a efeito estabelecendo-se a comunicação directa entre os dois grandes continentes: a velha Europa e a progressiva África.

A mais importante região da Marrocos espanhola, é a zona montanhosa de Jebala, na parte oeste do território. Nos tempos antigos chamava-se Ihe Habt e pelos seus vales atravessaram os exércitos de Cartago: mais tarde foi por eles também que vieram os guerreiros do mundo islâmico ao invadir a Península.

Tempos depois a atenção do mundo inteiro trasladou-se do Mediterrâneo para o oeste da Europa e para a América. Hoje contudo o mar Mediterrâneo voltou a recuperar a sua antiga importância visto as nações europeias andarem a competir umas com as outras pelo que toca à exploração do continente africano. A valor estratégico e comercial da costa norte da África e de Zabala em particular aumentaria imenso e até mesmo excederia o que já teve durante os tempos do domínio mussulmano.

— Fácilmente poderá imaginar a significação que um tunel sob o Estreito de Gibraltar teria para o futuro económico da Espanha. Não sou porém um economista e prefiro tratar antes dos aspectos militar e político do túnel em questão.

A Espanha necessita de pensar na segurança das suas colónias africanas, e, tendo em vista esse fim, precisa assegurar para si própria vantagens estratégicas sobre as outras nações cuja esfera de interesses reclama rápidas comunicações ao longo dos caminhos do mar Mediterrâneo. Tenho especialmente diante de mim a situação em que se encontraria a França desde que novamente se encontrasse envolvida numa guerra europeia e o que para ela representaria o emprêgo das tropas negras da África. Lembro-me também de que seria para ela o ver por essa ocasião os caminhos marítimos da África postos em perigo pela Inglaterra e pela Itália... Numa guerra dessa categoria a atitude

da Espanha seria um factor decisivo em virtude da sua situação de supremacia pelo que respeita ao túnel sob o Estreito de Gibraltar.

Não seria porém sómente para a Europa que a construção desse túnel traria consequências fáceis de imaginar. Semelhante realização importaria uma radical mudança na posição da América do Sul. Tornando possível aos caminhos de ferro o chegarem a pontos tão remotos como Dakar por exemplo a duração da viagem

até ao continente americano seria consideravelmente abreviada. Este facto só por si habilitaria a América do Sul a libertar-se da influência dos Estados Unidos. Uma nova era de amizade hispano-sul-americana começaria: então e com consequências que na presente ocasião nem sequer podem ser adivinhadas e avaliadas.

É fóra de dúvida que a Espanha lograria um lucro considerável pelo que respeitaria a importância internacional desde que construísse esse tunel, o qual ao mesmo tempo tornaria incalculáveis os serviços prestados à Humanidade por trazer consigo a possibilidade de atingir os naturais e até hoje inexplorados recursos do continente africano.

(Anglo American N. S. Copyright.)



# UM GRANDE ANIMADOR

# DO CINEMA MUNDIAL

## LUPU

## PICK



EM CIMA:  
Lupu Pick em «Espíões»  
A UM E OUTRO LADO: — cenas de  
«Santa Helena» o último filme de Lupu Pick

Quem é Lupu Pick? A resposta será longa mesmo que só enumeremos os vocábulos que qualificam o personagem.

Lupu Pick é: ensaiador, actor, autor cinematográfico e dramaturgo homem de negócios de grande monta, psicanalista, filósofo, jornalista, crítico de arte, historiador, matemático e político. A par disto, lê sempre e possui uma das melhores bibliotecas de Berlim. Que faz esse homem? Dirão os leitores.

Este enciclopédico há doze anos fabrica filmes. Como de Mille? Como Leprince? Aparentemente, sim. Na realidade, não.

A um redactor duma revista francesa que o entrevistou, afirmou Lupu Pick: «Eu considero o cinema um terrível veneno. O cinema está para as almas como as mixórdias dos falsificadores americanos estão para a aguardente velha e o bom vinho. O cinema mergulha-nos num pélogo de falso, de pouco mais ou menos, de sórdido... Satisfaz os instintos imediatamente físicos e não deixa sonhar... Ao mesmo tempo eu considero o cinema como a mais perfeita das artes... Isto parece uma contradição mas não é. Ora ouça: durante a guerra, na fronteira romena li por toda a parte esta inscrição: *E rigorosamente proibido às crianças brincarem com as peças de artilharia.* Ora eram justamente estas palavras que eu tinha vontade de mandar gravar sobre as portas de todos os cinemas.

«E, de facto, não é o cinema uma grande arma, um prodigioso e terrível instrumento de guerra? Se as crianças ou os tolos brincarem com tão poderosa arma breve acontecerá uma desgraça... Aos meninos e aos parvos dá-se uma corneta e um tambor mas nunca uma peça de artilharia...

«Percebe? Não é verdade?

«É absolutamente preciso que por detrás de cada «câmara» esteja um homem, um homem verdadeiramente *Homem*.

«Veneno e desgraça nas mãos dum inconsciente pode, o cinema, nas mãos dum pensador ou de um poeta ser um maravilhoso educador das Almas.

«Nos meus filmes, continua Lupu Pick, reajo sempre contra alguma coisa. O «Rail» filme para três personagens, sem sub-títulos, simples como uma parábola do evangelho foi uma reacção contra as ruins produções policiaes e pornograficas que fizeram epoca em 1918.

«E deste «Rail» nasceu infelizmente toda a serie de imundices que foram os filmes psicológicos alemães desse tempo.

«Na noite de São Silvestre procurei tornar a acção transcendente para que ultrapassando a psicologia atingisse a metafísica. Depois na «Casa-mata blindada» voltei bruscamente ao filme de aventuras quando todos cultivavam a locubração intelectual e o filme de tese. Finalmente filmei Santa Helena quando todos haviam abandonado o assunto histórico. Eu nunca sigo ninguém. Procuro, procuro... e logo que os meus achados se tornaram vulgaridade repudio-os enérgicamente.

«O que eu não quero é que o petiz brinque com o canhão.

«Cada filme da minha lavra é um desafio ao mundo...»

E de facto Lupu Pick tem razão. O cinema europeu deve-lhe tudo. Foi «Rail» que deu orientação a todos os ensaiadores com a supressão de legendas substituídas por situações visuais explícitas. Nenhum verdadeiro cineasta escapou à influência do *enciclopédico*. Gance, Lang, Murnau, Epstein e, sobretudo, Risenstem e Poudovkine, russos, foram inspirados pela sua técnica.

Lupu Pick é pobre. A sua qualidade de homem de negócios é contrabalançada pela de verdadeiro artista, por isso

não amalha, gasta. Gasta tudo à procura do verdadeiro cinema.

Por esta simples critica já os leitores poderão saber quem é Lupu Pick.

C. DE M.







VERITATIS SIMPLEX ORATIO EST

O velho Miguel vai morrer; na sua cadeira de espaldar, entre almofadas, com um cobertor sobre os joelhos, o qual, êle, com as mãos trementes, continuamente puxa sobre o peito. O gesto do moribundo, é êsse gesto feito pela morte, querendo com antecedência ocultar um despôjo. As mãos, parecem deformadas pelo reumatismo e gancheadas pela agonia, duas enxadas cobrindo de terra um cadáver. Da sua garganta saem imprecações roufenhas, estranguladas pelo estertor uivante, e que lembram o gargalhar da hiena. Mas o velho Miguel, para quem a morte fôra sempre acabar, como êle vira acabar as árvores ruvinhosas e os gados doentes, não quer morrer, a-pesar de caduco. Ainda com uns restos dêsse vigôr indescritível que uma sólida vontade pode ter, até quando se morre, engole ruídosamente, esgazeando os seus olhos vitrificadas e tristíssimos, como se quisesse tragar êsse ronquido que o sufoca.

O pároco, seu eterno inimigo, acaba de sair, depois de ter julgado possível edificá-lo com o eterno amor de Deus

e as penas horríveis do inferno. Miguel, titubeante e agoniado, pode ainda gritar-lhe a sua cólera, através os quintais contíguos que avizinham os dois homens:

— Maldito seja êsse padre infame que me

vem falar de Deus; dêsse deus que tortura as crianças e persegue os homens que trabalham a terra, devastando-lhes as colheitas com os céus inclementes!... Êsse deus que roubou a mãe aos meus filhos pequenos; que os fêz morrer, quando já me protegiam, longe de mim e em terras de negros e de febres!... Que me levou os meus netos, afastados pelas discórdias!... Vens falar-me de Ele, padre mentiroso!? Onde está? Por aonde semeia agora mais infortúnios? Tu ousas dizer-me que é por sua vontade que eu morro?! Mas não é essa a minha vontade, sem que eu recolha o meu trigo de que sempre fôste invejoso!

— Senhor; que sacrilégio! Deus existe. Deus existe...

E como a velha criada, tão anosa como o amo, de mãos postas, crente e cheia de medo, reze fervorosamente, o velho ainda profere, gaguejando:

— Para que rezas tu, estúpida mulher? Tens pena de mim? Sofres? Então o teu deus precisa que lhe mostres a tua desdita? Então êle não a sabe?...

E ela:





Mas o velho, deixa pender a cabeça cada-  
verosa sôbre o peito arfante, e os braços  
aquietados ao longo do corpo convulso. Os  
seus olhos abertos fixam o soalho esfregado  
e careomido da casa, que tem a porta e a  
janela abertas para o poente. E como a al-  
deia se estende planamente sôbre todo o prom-  
ontório, com o cemitério e os ciprestes, o  
campanário e os sinos, as hortas e as altas  
cegonhas que se movem para as regas, emer-  
gindo dos pomares viçosos, o sol, se bem que  
cêdo ainda, banha tôdas estas coisas; inun-  
da-as, põe tons inúmeros sôbre a folha-  
gem, até chegar aos pés do velho, para  
depois, descer no horizonte baixo e longis-  
simo.

O prior, fora, no quintal, resmunga maldi-  
ções, olhando a sementeira devorada pelos  
pássaros. E grita ao agonizante:

—Morre como um cão, velho estúpido!  
Que o inferno te torture, como eu gostaria de  
torturar esta maldita passarada que me es-  
traga os viveiros!

E como o podengo, com os seus olhos en-  
ternecidos, se aproxime amigamente dêle, o  
padre bate-lhe fortemente com o sacho. O cão  
foge, ganindo dolorosamente. O padre  
vociferava sempre, enquanto abre sulcos no  
alfôbre: — Serás torturado horrivelmente  
no inferno, velho insensato! Que a terra  
te seja pesada enquanto lá não chegar-  
es!...

O moribundo ouve o padre, assim como o  
sacho, cavando os regueiros, e, a água maru-  
lhando sôbre a terra quente.

De repente a velha solta um grito:

—Senhor! Senhor! Milagre! Milagre!  
Veja!...

O velho abre os olhos.

Contra a parede, sôbre a cômoda onde está

o relógio, projecta-se uma sombra. Parece a  
Virgein, sob o seu longo manto.



Os olhos do agonizante abrem-se desme-  
suradamente, com a indiferença e a noção  
duma lucidez que finda. Depois, consegue  
dizer sem rancôr, como um mestre sereno  
demonstrando um fenómeno:

— É o sino... da... igreja.

Faz-se outro silêncio. A velha reza. O velho  
arfa, já quási inerte. No quintal o padre diz:

—Morre como um cão! Morre! Morre!...

Mas, Miguel não ouve, porque morre, e, a  
velha porque reza. O sol vai baixando.

A velha, ainda crente, olha novamente a  
parede. Desta vez não é a forma roupada do  
sino que lá está; é uma cruz enorme, com  
um corpo crucificado. É Ele; o Senhor. En-  
tão, solta um grito que atráa os campos se-  
renos.

Miguel consegue vêr ainda a cruz; a morte  
detém-se, um instante. Depois, chorando,  
tenta pôr as mãos; balbucia:

—Per... do... ai... Cre... i... o...

E fica-se morto.

Entretanto, no quintal, o padre já não amal-  
dição o velho. Assobiá até, alegremente, por-  
que conseguiu erguer um grande espantalho,  
para os pássaros, e, que é como uma cruz,  
com um velho chapéu no tópo e trapos atados.

Os pássaros fugiram. O sol declinou rápi-  
damente, levando com êle a sombra da cruz  
que o morto vira.

Sôam Avé-Marias. O padre persigna-se e  
entra em casa para a ceia. Ouvem-se os ar-  
roios inundando os campos de milho. Os sa-  
pos flanteiam.

E a velha criada de Miguel, reza sempre.  
Mas, quando a noite vem, acende a candeia,  
e, fica-se atônita olhando o cadáver, porque  
a expressão dêle é tão serena e benigna, que  
ela quási duvida que aquele morto houvesse  
sido o seu velho amo.

# A FEIRA DE SEVILHA

## TOURADAS E "CASETAS",

### IMPRESSÕES DE UM FORASTEIRO

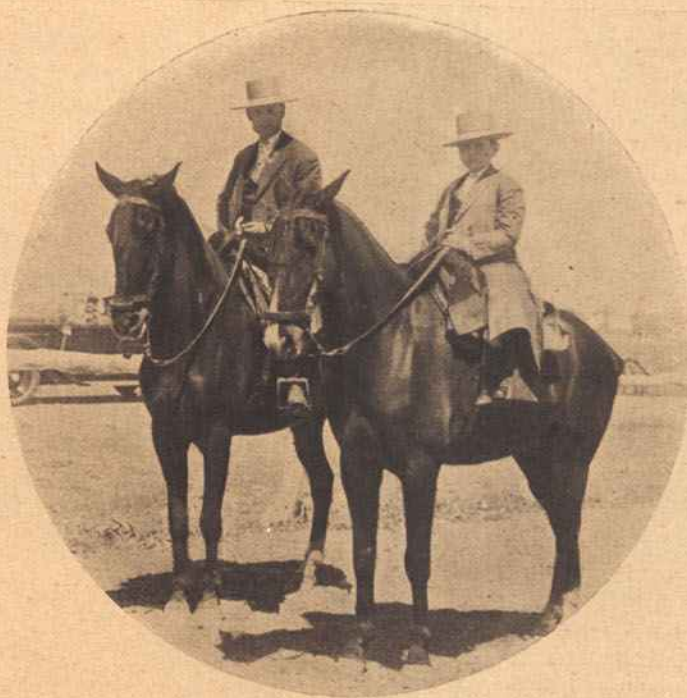
De todas as regiões de Espanha, a Andaluzia é talvez a única onde ainda se conservam os costumes típicos de outrora, e dentro desta região, Sevilha é a cidade típica e castiça por excelência.

A feira de Sevilha, de fama mundial, é número obrigado para o turista que viaja, que depois de ter permanecido nesta cidade durante a Semana Santa, dá uma volta por outras cidades da Espanha para regressar aqui e permanecer os quatro dias de feira, com as suas touradas, os seus bailes e romarias, o seu vinho, alegria e mulheres.

Neste ano a feira esteve desanimada.

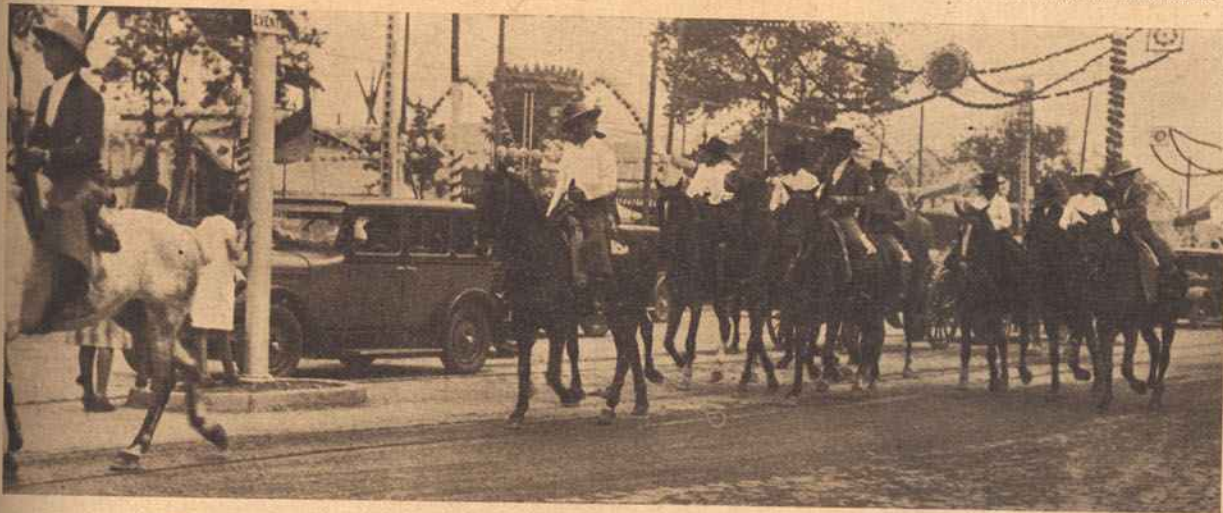
Por um lado a aproximação do encerramento da Exposição para cuja época muita gente adiou a sua viagem. Por outro lado a decadência da «festa nacional» que afastou muita gente, principalmente portugueses, que outros anos se podiam contar por milhares, e nesta feira talvez não tenha chegado a cem o número dos nossos compatriotas que cá vieram.

As touradas teem sido péssimas, e aconteceu

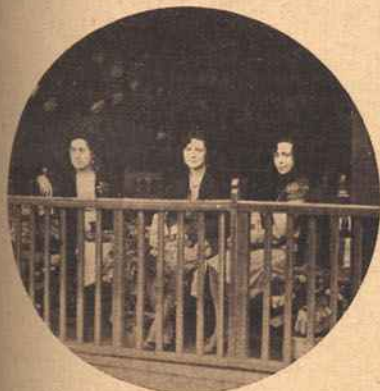


Ricardo Tórres, «Bombita», com seu filho, assistindo à entrada do gado

o que rara vez se tinha visto, um toureiro teve de ser multado pelo governador e proibido de chamadas as barracas da feira), dançava-se até de manhã e bebia-se a saborosa manzanilha.



Grupo de cavaleiros percorrendo o Real da feira



Assistindo ao desfile de carruagens da «casetas» do Ateneu

tourear no dia seguinte para evitar um conflito público pelo seu comportamento na primeira tourada em que toureou, que tão mal o fez que teve que sair protegido pela policia porque o povo o queria linchar.

Outro toureiro, também dos da primeira linha da actualidade, teve que utilizar todos os sabres que havia na praça para matar um touro.

E os outros toureiros, todos de primeira linha e «ases», nada fizeram.

Assim está a «festa nacional» em Espanha desde que morreu Joselito e se retirou Belmonte.

Não se estranhe, pois, a desanimação na feira deste ano.

Ainda assim o recinto da feira esteve quasi todos os dias animadíssimo. Raparigas e rapazes com os seus trajos e chapéus andaluzes, montando belos cavalos, animavam o passeio. Magníficas carruagens puxadas por três e quatro parelhas, contribuíam à alegria, e nas casetas (assim

Nas «casetas» particulares e nas dos clubs e casinos houve muita alegria, mas de todas elas a mais típica e castiça era a «casetas» de «Br 77» (número da sorte). Esta é uma barraca que um grupo de 15 amigos amantes do vinho e dos costumes castiços e sevillanos, põem desde há três anos na feira. Esta «casetas» é visitada por todo o forasteiro que está em Sevilha e que é amavelmente recebido pelos sócios, que logo à sua chegada os convidam a uma «cana» (um copo) de vinho andaluz. Lá vimos no dia em que visitámos «Br 77» por amável convite do Marquês das Cabriolas, presidente deste grupo de homens alegres e castiços, a Rainha de Romania com a sua filha, a Princesa Ileana, as duquesas de Alba, Pastrana e muitas pessoas conhecidas, entre elas o ex-toureiro Ricardo Tórres, «Bombita». Nesta «casetas» só se dançam bailes típicos, principalmente «sevillanas» dançadas por aficionadas que fazem filigranas para ver quem melhor dança e quem leva os aplausos



Um curro de toiros entrando num carrado de Tabladilla

da concorrência, sempre numerosíssima até ao ponto de ter-se que fechar a porta e esperar que saiam algumas pessoas para deixar entrar outras.

Nas paredes há cartazes engraçados, como estes :

*Es bebé  
y es ballá  
es hasta empezá.*

*Bebe vino  
que és tu sino.*

*El muerto al hoyo  
y el vivo al vino.*

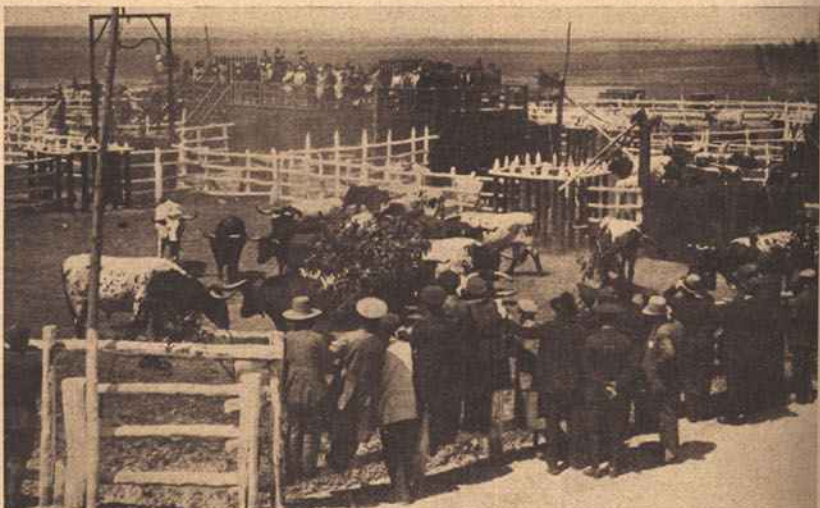
*Si quieres alargar la via  
No dejés la bebia.*

*Bebe vino  
y no hagas caso del vicino.*

*Más valé bebé vino  
que acellé vicino.*

*Los duelos con vino son menos,  
etc.*

Nas «casetas» dos casinos dança-se e há belis-



Exposição ao público dos toiros que seriam lidados nas touradas da feira

certas ocasiões, como a da feira, em que a mulher veste o seu traje típico para montar a cavalo ou aquele outro vestido da saia larga e de grande roda e o «mantoncillo» e a «speineta» no cabelo, sem cujo traje não se poderiam dançar as clássicas «sevillanas» e o «fandangillo», e essa variedade de bailes típicos em que se vislumbra toda a graça da mulher sevilhana e andaluza.

Juntamente com estas impressões publicamos algumas fotografias da espera de touros, do encerramento e exposição dos touros que se haviam de lidar na feira, num campo perto de Sevilha e junto à Real Venta de Antequera, maravilhosa quinta de recreio e restaurante perto de Sevilha, onde se erigiu uma espécie de templo a cada uma das «casas famosas por seus vinhos, espécies de templos que servem para provar os famosos vinhos do Xerez e esperar a chegada do gado comendo o prato típico da venta, os famosos «ovos à flamenco» ou bebendo umas «cañas» de vinho andaluz enquanto se espera a passagem dos touros acompanhados pelos aficionados e aficionadas, que ainda são muitos.

Sevilha, Abril de 1930.

LUÍS DIAS AMADO HERRERO.

«Casetta ER 77», a barraca mais «castiza» da feira, vendo-se nela o seu presidente, o «sevillaníssimo» Marqués de las Cabriolas





# M I L Ã O

(FOLHAS SOLTAS DUM CADERNO DE NOTAS)

A  
FONTE  
DE  
S. FRAN-  
CISCO  
DE  
ASSIS



A  
CELEBRE  
CA-  
TEDRAL  
E AS  
SUAS  
BELEZAS

EM CIMA: — A formosa e célebre catedral de Milão, uma das mais belas da Itália

A ESQUERDA: — Uma visão sobre a cidade e a entrada da Galeria Vitor Manuel II, a rua coberta de Milão



A FONTE DE S. FRANCISCO DE ASSIS

Num recanto modesto da pequena e sossegada praça de S. Angelo, que a sombra familiar das árvores ameniza e adorna, encontrei o mais formoso dos monumentos de Milão, aquele que na sua simplicidade encantadora melhor corresponde à materialização da ideia, concebida em nosso espírito, da figura que evoca.

O «poverello» de Assis, o humilde freire que amou e sentiu a alma dos simples e dos pequeninos, aquele que orou a Deus na obra da natureza e pré-gou em orações de graça a mais idealizada fraternidade universal, inspirou ao escultor Giannino Castiglioni uma obra da mais feliz composição; nada de monumental, nada de caprichoso, a maior singeleza a par do mais perfeito sentimento artístico.

A figura do Santo, excedendo um pouco o tamanho de homem, debruça-se sobre a borda de um tanque de granito cinzento, cheio de fresca água cristalina que brota continuamente de um curto repucho central. A mão esquerda apoia-se na pedra, enquanto a direita, erguida num gesto de bênção, sublinha eloqüentemente a expressão bondosa do franciscano.

A volta do tanque, gravada no rebordo do granito em letras de palmo, sua frase de louvor: «Laudatu si, Mi

A linda fonte de São Francisco de Assis, um dos mais focantes monumentos ao «poverello»



Um detalhe da célebre e pitoresca fonte de São Francisco de Assis: o santo debruçado sobre a

Signore, per sor acqua la quale é molto utile e humele, e pretiosa e casta».

Pousados na orla granítica, em frente do Santo, cinco pombas, num grupo maravilhoso de verdade, escutam atentamente as suas palavras.

E mais nada; a água do tanque escorre por quatro bicas, em permanente canção de alegria, para uma bacia que cerca a fonte, rente ao solo, para que todos os animais, mesmo os mais humildes e baixos, aí possam mitigar a sede.

A harmonia do todo, sua verdade, sua natural poesia, gravam no nosso espírito recordação indelevel.

E alguém me contou a história daquela fonte.

A municipalidade de Milão abriu concurso para um monumento a S. Francisco de Assis, a levantar em determinado local da cidade. Os projectos apresentados foram vários e de entre eles o juri escolheu o que melhor lhe pareceu e que foi construído; era, ao que me disseram, uma estátua banal, vistosa e pesada, mas sem recorte característico.

Discordaram da escolha os frades franciscanos da comunidade milanesa, cuja preferência se inclinara para um outro projecto apresentado, e que era esta fonte.

Resolveram ordenar sua construção, a expensas próprias e escolheram este

água falando aos ingénuos passarinhos que vem beber



Dos telhados da catedral, por entre ornatos floreados de pedra, entrevê-se a «Piazza del Duomo, uma das mais belas de Milão, a magnífica

cantinho pacato de S. Ângelo frente à fachada da sua igreja conventual.

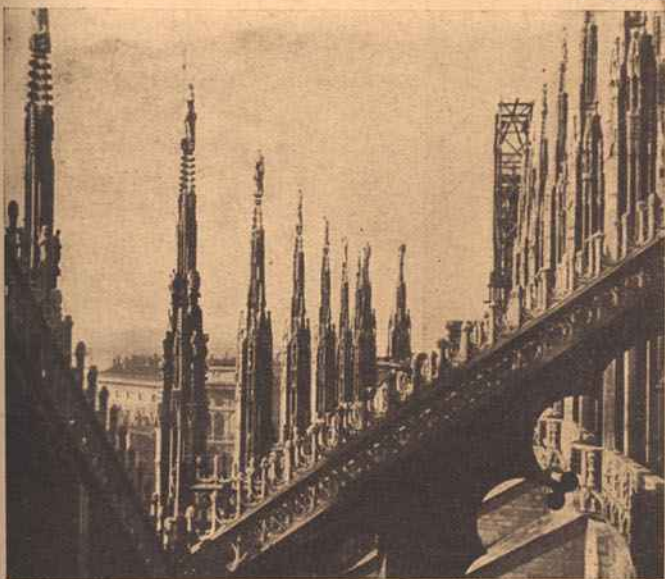
O curioso, porém, é que o povo, juiz supremo em questões de sentimentalidade, votou ao desconhecimento o monumento oficial e acarinha com sua devoção a fonte franciscana. Junto ao vulto do Santo há sempre flores, flores cortadas que murcham melancolicamente sob a benção do seu grande Amigo, e são o testemunho do carinho popular, promessas de mulher, quem sabe se votos de amor...

#### A CATEDRAL DE MILÃO

«Il Duomo» é a expressão máxima da arquitectura monumental em Milão.

Situada no coração da cidade, dominando-a em todos os sentidos, alvo do carinho dos locais e da admiração dos estrangeiros, a catedral milanesa é, sem dúvida, digna do seu tradicional renome.

O «Duomo» de Milão (em baixo); a floresta de pedra de flechas e botarês que acompanha os telhados das naves laterais numa sinfonia magnífica



Representa, no rendilhado caprichoso das suas pedras, mais de cinco séculos de actividade artística: desde 1386, data em que Gian Visconti, duque de Milão, tomou a iniciativa acêrca do aspecto definitivo a dar à fachada principal, considerada em desacôrdo, tanto no estilo como na grandiosidade, com o resto da construção.

Se o interior do templo é grandioso, se formosos são os vitrais do deambulatório que cercam de um nimbo policromo, cantante de luz, as esculturas notáveis da altiva capela-mor; se antes de penetrar no edificio já nos assombrara o delicioso baixo relêvo da porta maior, fundida em bronze maciço por Poglioghi, a impressão mais funda colhe-se, porém, quando, utilizando o civilizado ascensor eléctrico que por três liras nos transporta sem esforço aos telhados, passeamos, como num conto de fadas, pela floresta petrificada das agulhas, colunelas, botarês e pináculos, que compõem as superestruturas da catedral.

No mínimo detalhe se encontra uma surpresa; não há um centímetro de pedra que não tenha sido trabalhado. Perdemos na apreciação dos pormenores, porque não há dois idênticos; na harmonia geral que impôs uma disposição simétrica dos ornatos, há uma infinidade de variantes.

Cada estátua, — e são aos milhares, encimando as agu-



O extremo do transepto do «Duomo» de Milão, visto dum dos cornéus, sendo de notar as estatuetas de tipo pagão que rematam algumas flechas góticas ousadas e rendilhadas finamente

lias, anichadas nos baldaquinos das colunas, rematando os contornos da abside e dos transeptos, dispostas ao longo das paredes principais do monumento, — cada estátua tem sua personalidade própria; são santos e santas, papas e monges, toda a infundável teoria de figuras sagradas emparecendo com os vultos do Velho Testamento, desde Adão e Eva, mais de uma vez representados.

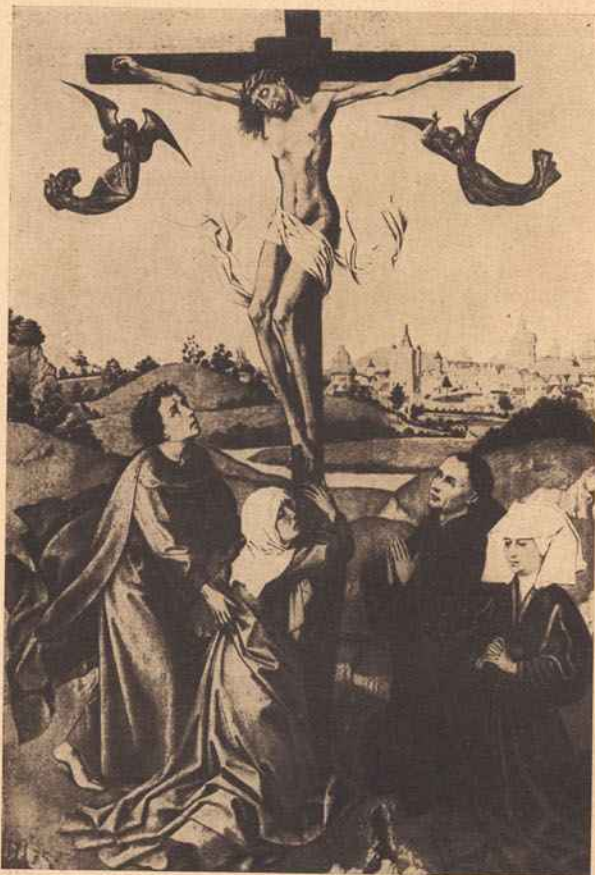
O «Duomo» é um riquíssimo museu de estatuária, tão rico que é impossível conhecê-lo todo. Há tanto que admirar que nos não ocorre desviar a vista para o panorama que nos cerca.

Em tórno da catedral espalha-se o mar dos telhados escuros da cidade. Baixando a vista sobre a fronteira Piazza del Duomo, a esta hora abafada na sombra do edificio, colhe-se agradável visão; a meio, a estátua de Vitor Manuel II, parece um brinquedo, e, em tórno, os autos, os carros, os passeantes parecem cá de cima coisas de Liliput, insignificantes e inúteis, que a mole gigantesca do tempo esmaga com a sua grandeza e irónicamente contrastam com sua eternidade.

SALAZAR CARREIRA.



Desce da Cruz, de Hans Memling, no hospital de São João, em Bruges



Cruzificação, por Rogério Van der Weyden (1460-1465), existente no Museu de História de Viena de Austria

# A TRAGÉDIA DO CALVÁRIO

—Que eu te conheça! Que eu me conheça!

Eis a preciosa súplica de Santo Agostinho, expressão mística do seu orgulho de crente, o grito fervente da sua exaltada fé! Eis também a síntese magnífica e eloqüente da tragé-

dia sublime do Calvário, do belo martírio de Jesus, que purificou com o seu próprio sangue os pecados do mundo, que se sacrificou para nos redimir aos olhos de Deus, que morreu para nos salvar!

Maravilhoso símbolo de renúncia humana que os homens ainda não compreenderam na sua infinita grandeza, uns pelo hermetismo do seu sêco racionalismo puro — eles que querem opôr os ditados da razão mesquinha aos esplêndidos mistérios do Céu! — outros pela falsa sedução do seu dogmatismo escuro — eles que querem opôr as suas confusas interpretações de homens às claridades de Deus! E nenhum pelo forte poder anímico da sua emoção profunda e da sua ardente fé, pura de entaves, limpa de gestos, diáfana de luz fecunda, que é a única que nos pode levar aos pés do Senhor numa ascensão luminosa de compreensão e reconhecimento!

—Que eu te conheça! Que eu me conheça!

Foi assim que a vida divina encarnada no divino Jesus, filho de Deus, crucificado no Monte do Calvário, se revestiu da cor, das formas e até dos movimentos da vida humana, para se dar a nós.

E nós, os homens incrédulos, que escarneamos a doce voz de Jesus no mundo e negamos a verdade das suas doutrinas criadoras, que assistimos impassíveis à sua peregrinação dolorosa pelas veredas da Terra até chegar ao alto do Golgota, vimos o Homem cravado na cruz, ajoelhámos, contritos, e conhecemo-lo! E conhecemo-nos a nós!

—Que eu te conheça! Que eu me conheça!

Preciosa súplica, a de Santo Agostinho!

E depois veio a Ressurreição. E depois o corpo, liberto dos escárneos dos homens, foi reunir-se à alma. E depois Jesus, numa ascensão de glória, apontou aos homens o caminho do Céu. E os homens sonberam amar,



Cristo Morto, de Giovanni Bellini (1490-1500), pintura à tempera no museu do Imperador Frederico, em Berlim

E os homens souberam rezar. E os homens acreditaram em Deus.

Como se sabe, o Calvário era um monte pedregoso, sêco e árido, às portas de Jerusalém, onde antigamente se executavam os réus de morte e onde foi crucificado Jesus Cristo. Daí que ao Monte do Calvário se chamasse outrora o Monte das Caveiras, em virtude das muitas caveiras que por lá se encontravam por ser o cemitério dos condenados à última pena.

Mas a designação de Calvário vem-lhe da palavra Golgotha, que em hebraico e síriaco significa calva. Efectivamente, a configuração e a natureza da montanha sugeria tal nome.

É conhecida a versão que nos diz que foi lá que se encontrou a cabeça de Adão; e outros entendem ainda que a verdadeira etimologia da palavra é cabeça, aludindo à sepultura do primeiro homem, cabeça da estirpe humana, pois nos primeiros séculos da Igreja cria-se que Cristo foi crucificado no mesmo sítio em que se encontrava aquela sepultura, a fim de que o sangue derramado para a redenção do mundo purificasse os restos do primeiro pecador. Chegou-se também a crer que o Calvário era aquele Monte Maria onde o Patriarca Abraham conduziu o seu filho Isaac para o sacrificar.

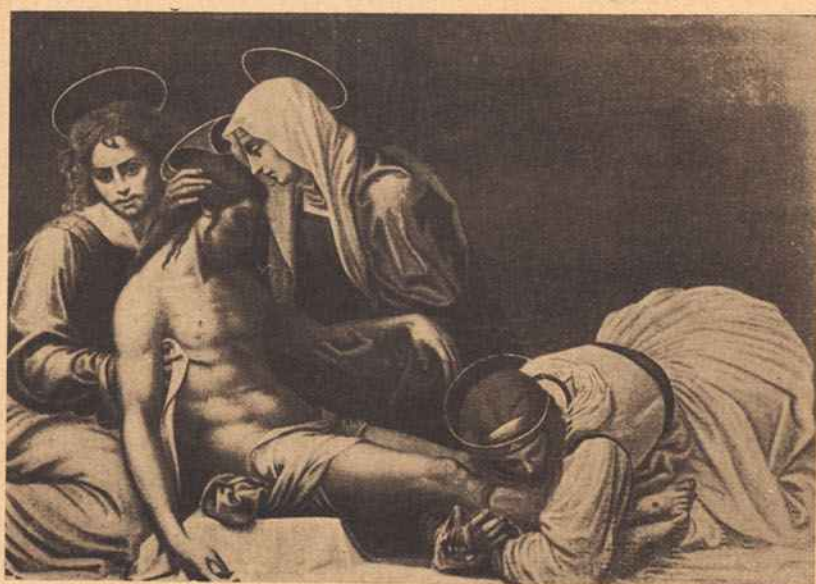
Segundo o testemunho de alguns *touristes* ingleses e escritores não católicos, as fendas abertas na roca do Calvário não parecem ocasionadas por um terramoto ordinário e natural, pois, ao contrário do que sempre sucede, não se separaram as camadas independentemente umas das outras, estando a pedra aberta em direcção transversal; a rotura afecta os veios dum modo estranho.

O Imperador Adriano, com o fim de terminar com as peregrinações dos nazarenos ao Calvário, que então pertencia à cidade Aelia Capitolina, mandou construir sessenta anos depois da destruição de Jerusalem um templo



Cristo na Cruz da Galeria Borghese, de Roma e que se atribui à primeira época de Rafael Sanzio de Urbino, o divino Rafael (1508-1520)





Pieta — Quadro de Fra Bartolomeo della Porta, pintor florentino (1475-1517). Galeria do Palácio Pitti, Florença

cujo fundo existe o Calvário e ao qual se desce por uma escadaria.

A Tragédia do Calvário tem constituído, como não podia deixar de constituir dado o seu sublime significado, uma exuberante fonte de inspiração para os artistas de tódas as épocas. Em Portugal, nas coleções que ainda existem dos nossos pintores primitivos, que rivalizam, na mesma época, com os pintores de qualquer outro País, há testemunhos de inexcédível valor, testemunhos que se repetem eloqüentemente através da História da Pintura de todos os tempos e de todos os povos.

Os quadros que a *Ilustração* reproduz no seu presente número e que acompanham este artigo são universalmente conhecidos pelo seu riquíssimo valor artístico. Porém, entre nós, onde não abundam, infelizmente, as publicações de Arte, é hoje, pela primeira vez, que elles são apresentados em público nas páginas duma revista nacional.

NOVAIS TEIXEIRA.

(Fotos Orrico.)

*Martyriam*, que significava preito de homenagem a Jesus Cristo pelo amor que Ele tinha demonstrado pelos homens ao dar o seu sangue pela redenção do mundo.

Em 614, Cosroes II, rei da Pérsia, apoderou-se da Judeia, saqueando a cidade de Jerusalem e roubando a verdadeira Cruz do sacrificio; mas, assassinado por seu filho Siroes, e vencido este pelo Imperador Heraclio, foi obrigado a devolvê-la, conduzindo-a sobre os seus próprios ombros até ao sitio do Calvário, no ano 628.

Começou-se então a reedificar o Templo, mas, pouco depois de terem começado as obras, os árabes conquistaram Jerusalem, obtendo os cristãos licença para praticar o seu culto dentro das igrejas. Hoje, decorridos vários séculos, os cristãos, detentores de civilizações mais recentes e interpretando mal as doutrinas de Jesus, é natural que não lhes correspondessem com a mesma generosidade...

No ano de 1008, o Califa Hakém destruiu o Calvário, e a Igreja do Santo Sepulcro só foi reedificada trinta e sete anos depois, no tempo do Imperador grego Constantino, chamado o Monomaco. Quando em 1009, entraram os cruzados em Jerusalem, Godofredo de Bulhão concluiu a reedificação do Templo.

Porém, decorrido um século, entrou Saladino em Jerusalem, expulsando os Cruzados da cidade Santa. Mas estes voltaram em meados do século XIII, reparando as igrejas danificadas, conservando-se o Templo até ao terrí-

vel incêndio de 1808, em que foi quasi completamente devorado pelas chamas, que respeitaram apenas a fachada, algumas capelas e o sitio onde Jesus foi crucificado, onde hoje se levanta uma cruz ao alto da fenda, em



Entérrro de Jesus, por Fiorenzo di Lorenzo, pintor florentino que nasceu em 1440 e morreu em 1521 — Galeria Borgheze de Roma

# as verbenas de madrid



retina familiarizada com o seu recorte, o das Verbenas ocupa lugar de privilégio.

As Verbenas de Madrid são a expressão culminante da sã jovialidade de nobreza e povo. Porque, embora de ascendência secularmente popular, nelas colabora com activa veemência a aristocracia verdadeira dos grandes na ascendência e no numerário. Ou seja a de Santo António da Flórida, ali ao pé do Manzanares, ou seja a de La Paloma, na rua de Toledo e vizinhanças, ama-as a *jaquetilla* do operário e o *mantón* da titular. Nas suas danças e cantares típicos, dum sabor genuinamente castiço, as vozes e os movimentos da dama da alta roda casam-se com os saracoteios e as rimas do filho humilde da oficina.

Fazem lembrar um pouco as feiras francas de certos bairros de Paris, ou a antiga feira lisboeta do Parque Eduardo VII. Encontramos em cada uma delas as mesmas *montanhas russas*, com os seus carros subindo e descendo em cabriolas de ébrios. Ilustram-nas os mesmos *carrosséis estúrdios*, a que os graciosos madrilenos designam de *Tios-Vivos*, com soldados e crianças muito felizes no seu giro de *dobadoiras*. Agitam-nas os mesmos *baloios mecânicos*, vastos aparelhos rotativos com trapézios pendentes e em perpétua oscilação. Povoam-nas as mesmas barracas de lona, em que se exibem fenómenos de feições horrendas ou gestos histrionicos, em que se praticam os tiros ao alvo, em que se vendem as *bugingangas*, em que se comem petiscos.

Mas uma coisa — entre outras, de menor traço — distingue as *verbenas* de Madrid de quantas feiras ou festas populares se realizam aqui ou além. É a alegria comunicativa de novos e velhos. É a vibração espontânea da alma irradiante da cidade.

Esta vida de Madrid dispõe de singularidades que só por si a distinguem de todas as capitais. Embora sob a invasão cosmopolita do uniforme no traje e nas maneiras vá perdendo muitos dos seus acentuados traços fisionómicos, conserva no entanto os indispensáveis para lhe assegurarem fulgurante personalidade, inacessível às infiltrações niveladoras, tão inimigas do carácter e do pitoresco, da monotomia do tom universal.

Um dos seus costumes mais típicos, que ela mantém com a galhardia dum rito religioso, é o do almoço às duas horas da tarde.

As oito da manhã a cidade pulsa em plena actividade criadora. A uma da tarde atinge a intensidade de vida das horas máximas, intensidade de vida no desbordar de gentes e de veículos, tão diversa da de Paris, por exemplo, na sua soturna cadência de cortejo mortuário, enquanto aquela vibra na jocunda irradiação das romarias populares.

Mas de súbito os relógios marcam as duas horas. E no mesmo instante, a cidade, o formigueiro de formas e a fanfara de risos, torna-se o deserto algado e mudo dos tristes lugares deshabitados.

Porquê? Porque chegou a hora do almoço. Porque, enquanto em Paris, em Londres, em Lisboa, no Rio, talvez em Buenos-Aires, a hora do almoço é elástica, estendendo-se das dez da manhã às duas da tarde, o que não altera portanto o ritmo normal da circulação citadina, em Madrid é fixa, una e indivisível, sempre a mesma de verão e de inverno, a mesma para grandes e pequenos. Assim, a *urbs* das alacres expansões colectivas, a ruidosa, a palraadeira, às duas da tarde assume o ar letárgico das cidades mortas da Mesopotâmia ou da Assíria.

As três e meia abrem-se as comportas por onde as energias latentes se derramam. As ruas e praças animam-se de novo. E de novo o ruído alastra, a jovialidade palpita, correndo estrepitosos até às três horas da manhã.

Ao lado deste, e de outros e vários costumes que nós, os estrangeiros, notamos e anotamos a melhor do que os naturais, por não termos a

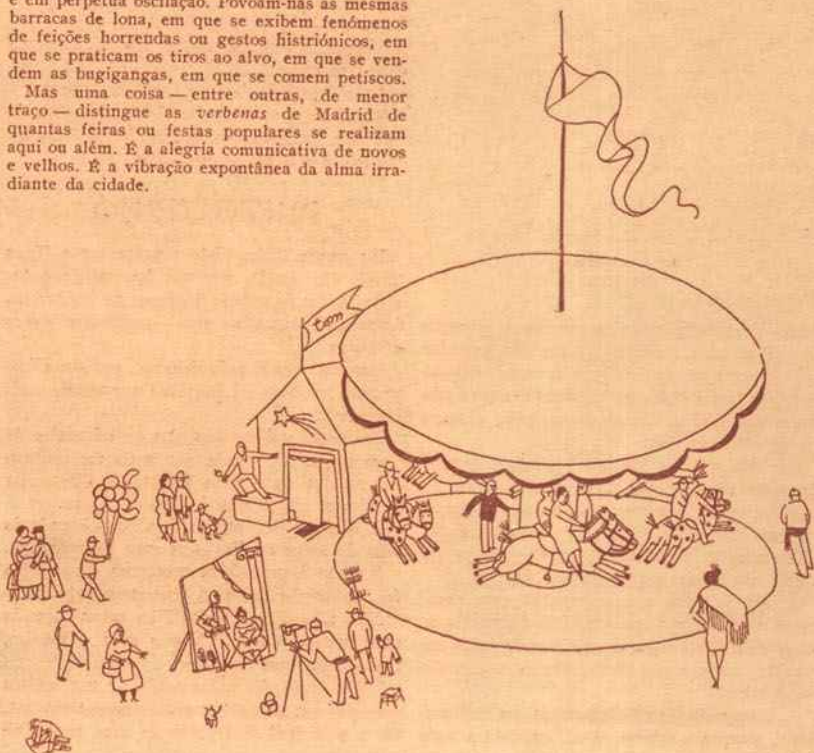
Só as *verbenas* de Madrid contam às dezenas os *manúbios* que martelam *folas* e *seguidillas* nos seus buliçosos recintos. Só as *verbenas* de Madrid fornecem aos seus devotos as rósicas alimentares dos *churros* — regados a tradicionais *copilas de casalla*, a esperta e aromática aguardente da serra de Córdova, com hierarquia de primaz desde o Cantábrio a Gibraltar. Só nas *verbenas* de Madrid se dançam, e se rodopiam, no mais heráldico garbo castelhano, os *chotis* de feição local.

E no entanto, não são os *manúbios* nem os *churros*, nem a *casalla*, nem os *chotis*, muito menos o chocolate, ou a *manzanilla*, ou o *escarchado*, que impõem cor, e perfume, e raça, e vulto a estas impressionantes manifestações de regosijo citadino. O que as caracteriza, o que as exalta, o que as enobrece é a sonora vivacidade dos cantos e das danças; é o cunho cortezmente democrático dos seus elementos de acção; é a onda de jubilo e honesta vibração que pulsa nas suas vigorosas artérias — os cantos tradicionais ao desafio com as coplas das *zarzuelas*, os *mantoncillos de crepon* a acamaradarem com as *mantillas* brasonadas, a sinfonia orquestral do riso em concerto com a composta desenvoltura das atitudes.

Isto sim, é que não se confunde nem se parodia. Isto sim, que lisongeia os sentidos, sem excitar a animalidade. Isto sim, que é alegria e saúde, e louvores a Deus pela graça fecunda de viver.

Os olhos irradiam primaveras, até os que entraram já na melancólica sazão do outono. As bócas soltam asas, na gorgoeada matinal do amor e do regosijo. Os braços alçam-se, em gestos coreográficos, regendo a orquestra do movimento. E na mescla policrômica dos risos e dos cantos, das danças e dos folguedos, dos *manúbios* e das luzes, nós, os estranhos, os forasteiros, temos a sensação de que nos encontramos num mundo à parte, diferente de quantos mundos conhecemos, acima de todos os mundos conhecidos — onde não chegou ainda o veneno mortal da neurasteria e do tédio.

Neurasténicos das Cinco Partidas! Entediados de Séca e Mfca! Se quereis reviver para a confiança e a fé, se quereis refflorir de corpo e alma, correi a Madrid e bebei a longos haustos a água milagrosa da alegria tónica das suas Verbenas: — da de Santo António ou de Santo Isidro, da de La Princesa ou de La Paloma...



PROSA DE:

SOUSA  
COSTA

BONECOS DE TOM



## OS NOSSOS ARTISTAS

### AURA ABRANCHES

A primeira vez que vi Aura Abranches, no palco, foi na *Alma Forte*, no teatro Politeama, ao lado de Alves da Cunha.

Era um papel de grande intensidade dramática, em que ela punha tal emoção e tal experiência da vida, que pareceria milagre



Aura Abranches  
por TOM

numa juventude como a sua, se a intuição não fôsse uma qualidade inata dos grandes artistas, nos predestinados a fazerem suas tódas as dôres e tódas as alegrias e a transmitirem ao público, cheias de verdade, as suas impressões fictícias.

Foi esta mesma intuição, que em Aura é desenvolvida até ao mais subido grau de exteriorisação, que nos deu depois a sensação violenta do amor maternal, nessa poderosa interpretação do *Grande amor*, quando ela ainda não sabia o que era ser mãe.

Se ela voltasse a desempenhar essa peça, agora que ela pôs em seu filho Fernando as suas mais belas esperanças e o melhor do seu coração, como a sua alma sofreria de emoção verdadeira!

A interpretação não ganharia em intensidade, porque a artista já ali enfeudára todo

o seu capital de talento e natural sensibilidade, mas a dentro de si própria senti-la-ia melhor.

Para nossa tristeza e para a de todos que gostam de vêr uma artista a sério, Aura Abranches afastou-se da scena, durante dois anos—dois anos que pareceram aos seus admiradores, aos amigos do seu espírito gentilíssimo, anos infinitos em que se envelhece, esperando a volta da eleita.

Um dia—há sempre um dia bom para quem sabe esperar—as gazetas anunciaram que Aura ia reaparecer nesse mesmo palco onde tantos louros colheira, o do Politeama, para onde êsse hábil empresário, que é Luís Pereira, tem feito desfilar o que de melhor há em arte teatral em Portugal e lá fora. Palco de gloriosas tradições e glorioso destino, onde Aura nos apareceu num elenco, que é, sem desdouro para nenhum outro elenco, o que mais nomes conhecidos e consagrados apresenta.

E Aura veio, mais fresca, mais graciosa do que nunca, com uma voz que é um encanto, mostrar-nos mais uma faceta dos seus méritos artísticos. Fêz-nos rir com a mesma arte com que nos fêz chorar.

Quem pode igualá-la, em comichade, nessa tão fina malícia que ela desenvolve na *Senhora Presidente*

Ninguém. Com tal frescura e tal naturalidade, ninguém.

Aura é grande desde a tragédia à farsa.

É a legítima e incontestável sucessora de sua mãe, na scena portuguesa. Filha das suas entranhas e filha da sua Arte.

### PINTO GRIJÓ

Eu nunca tinha visto representar o Pinto Grijó. Ou, então, não me lembro de o ter visto, antes da subida à scena, no Politeama, da peça de Ramada Curto—*O homem que se arranjou*.

Mas não perdi pela demora, porque a impressão recebida foi daquelas que nunca mais esquecem.

Deixem-me dizer-lhes que gostei muito da peça e que foi aquela que mais me impressionou das da autoria do grande dissecador de almas, que é o conhecido causídico.

É que êle foi buscar à vida—à própria vida de todos os dias—as suas personagens. E como é verdadeira esta peça e como ela foi vivida por todos os seus intérpretes!

Mas não divaguemos. Não estou fazendo uma crítica. Se tal fôsse o meu propósito, tinha muito que dizer.

Estou tratando unicamente de um artista que, por um acaso feliz para a minha crónica, foi o principal intérprete de uma peça que

muito agradou à minha alma, assimiladora dos sofrimentos de tódas as almas.

Eu nunca tinha visto representar Pinto Grijó... E foi para mim uma revelação inesperada, essa sua interpretação de *O homem que se arranjou*.

A sua figura, a sua voz, a sua indumentária, a sua caracterização, puseram, com uma verdade flagrante, diante do espectador, um dos tais homens a quem o mundo chama *arranjistas ou videirinhos*, e a quem, afinal,



Pinto Grijó  
por TOM

quando morrem, é preciso fazer o entêrro por subscrição.

Que maldade e que injustiça há na apreciação de um homem feita pelos seus semelhantes! Quanto farrapo, debaixo de um casaco tapa-misérias, quanta lágrima, chorada, a sorrir!

Pinto Grijó deu-nos a vítima de um luxo mentiroso, de uma falsa riqueza. Foi bem êsse fantoche desarticulado de alma e de corpo, que o autor sonhou ou, por outra, que o autor foi buscar à sua memória dos fantoches que encontrou no palco desta vida.

Eu sofri com êsse pobre diabo, e até me custou a acreditar que não fôsse o próprio homem que se arranjou... tão mal, que estava ali em frente de nós, de calças com joelheiras e casaco quási no fio.

Formidável poder criador de um artista!

Eu nunca tinha visto representar Pinto Grijó... E saí do teatro, dizendo alto, numa expansão que respondia a um debate interior:

—«Mas que grande actor, êste Pinto Grijó...»

MERCEDES BLASCO.

CONTO INÉDITO  
DE  
MANOEL  
MARTINEZ FEDUCHY

DESENHOS  
DE  
TAGARRO



(M. M. Feduchy é um jovem escritor espanhol que inicia agora os seus passos no caminho das letras. Autor de El huerto de Aristófanes, que já teve na nossa secção crítica referência adequada, não conseguiu com aquela colecção de magníficas novelas, estender o seu nome além daquele número reduzido de pessoas para as quais a emissão do julgo crítico é fôgo claro, espontâneo e livre dos segredos da publicidade, que, de resto, Feduchy desconhece em absoluto. E daí o seu mal... ou o seu bem. O futuro o dirá. E daí — o presente o afirma — que não visse o seu nome afagado com os aplausos do grande público, que tantos outros conquistaram com muito menos motivos. Ilustração dando cabida nas suas páginas ao original novelista, que há de ser, sem dúvida alguma, um das notas mais destacadas no panorama literário espanhol que começa a esboçar-se, demonstra por certos agentes exteriores e totalmente alheio ao valor intrínseco do escritor ou do artista. Este Debate falso, que só a fortes badaladas de humor, de agudeza e intenção, visa um tema que, embora discutível no seu fundo ideológico, está focado com tão singular pericia, com tal amplitude, com uma audácia juvenil animada de tanta inquietude e tanta sinceridade, que não pode deixar de merecer a nossa simpatia. Seja bem-vindo, pois, o nosso novo colaborador — o formidável humorista da Espanha de amanhã!).

## I

— Estou farto de viver — pensou o Julião uma manhã. Minha mulher anunciou-me que vou ser pai pela oitava vez. O meu estômago ressumo ácido clorídrico. Os credores, à força de tanta visita, desgastaram-me o botão da campainha. Já sinto cair o cabelo...

Aquela noite bebeu dez gramas de estricnina com soda e deitou-se. Meia hora depois, sentia os primeiros sintomas: calor no estômago, frio nos pés e que se afundava, afundava, num poço de sombra.

— É a morte — pensou — vamos lá ver o que é isso. Vou deixar de ser.

Chamou a família que começava a ceiar. Apareceu a mulher.

— Leonor, esqueçia-me dizer-te que me envenenei.

— Hi! Ah! Hi!

(Gritos, corridas, alaridos. Depois chegou o Padre João. Mais tarde o dr. Pedro).

O primeiro encarregou-se da alma; o segundo, do corpo.

— ...a alma... arrependes-te?... outra vida... ego te absolvo...

— ...um copo de água!... sete revulsivos... vomitar... intoxicação...

— Ai, o meu Julião!

— Papá!

O suicida sentia submergir-se a pouco e pouco no nada. Não lhe ocorria a menor ideia — nem mesmo que ia morrer. Só pensava em ninharias: (que dia era?... o Padre não fizera a barba... não voltaria a fumar...)

Aquilo não acabava. Não sabia se já estava morto. Ia perguntá-lo, esclarecer essa dúvida, quando o dr. Pedro murmurou gravemente:

— Morreu.

Julião sentia-se bem, mas não quis contrariá-lo. Seu corpo, rígido, permanecia insensível; a alma — como uma bola — rolava livremente pelo seu interior, e, curiosa, observava.

Observou os preparativos do enterro. Vestiram-lhe um saial e meteram-no num magnífico caixão de mogno e bronze, como se lhe prestassem uma homenagem. A parte de dentro toda estofada em seda carmesim era tão confortável, que não resistiu a refestelar-se com fruição.

Sentiu que o levantavam pelos quatro lados. Uma voz aguardentosa resmungava:

— Como pesa este figurão!

— Que falta de respeito!... — pensou Julião contristado.

Notou depois que desciam a escada. Ouviu a voz da mulher que gritava:

— Adeus, Julião, adeus!

Quis responder-lhe. Acenar-lhe com o lenço...

— Pobre Leonor — disse para si — era muito bruta, mas bondosa.

Pelo orifício da fechadura filtrava-se uma arangensinha que lhe anunciava a rua. Ao dar com a cabeça no tecto, viu que o carro tinha passado sobre uma cova.

Chegaram ao cemitério: um grande campo repleto de letreiros como num grande armazem. Uma igreja. Sentado no telhado, um anjo com uma trombeta apoiada nos joelhos.

Aproximou-se o coveiro. Era um velho esgrouviado e muito alto, como um poste de telégrafo; na cabeça, um boné uma caveira sobre duas tibiãs cruzadas ao centro. Ao tocar aquele corpo devia a gente sentir sem dúvida um choque eléctrico. Não se lhe via, contudo, nenhuma placasinha que dissesse: Perigo de morte!

— Com êste, pomos o completo — anunciou à comitiva. O conde Z comprou esta quinta aqui ao lado para as suas caçadas e não há sítio para mais gente.

Julião sentiu que o levantavam outra vez e que o introduziam numa fossa.

— Diga o senhor qualquer coisa, amigo Lopes — disse uma voz.

— Sim, senhor, que fale — disseram outros.

O amigo Lopes era seu tio. Julião lembrou-se então que lhe ficara devendo algumas pesetas. Estranhou, por isso, que falasse assim:

— Acabamos de cumprir um piedoso dever. Viemos enterrar o pobre Julião, modélo de esposos e de cavalheiros. A morte ceifou na flor da idade uma existência que prometia tantas horas de glória... e... de glória... e... que o finado descanse em paz...

A comitiva afastava-se. O amigo Lopes inclinou-se então sobre a cova e com voz solapada disse ao sobrinho:

— Mariola!...

O coveiro arrojou sobre o ataúde a primeira pásada de terra, que soou na madeira como um rufo de tambor.

## II

Um estranho silêncio rodeou desde aquele momento a existência morta do Julião. Isolavam-no da vida dois metros de terra. Todo o seu passado se converteu num episódio rançoso e francamente estúpido.

— Pensar que me preocupavam as crises políticas, os gritos da moda e o preço dos taxímetros. Que levei dois anos a conquistar a minha Leonor, julgando que o seu amor podia ser coisa diferente daquele que qualquer bicho pode oferecer ao seu macho... Considerar-me satisfeito por ser cobrador de impostos. Iludir-me com a possibilidade de chegar a ser carmarista. Sentir interêsse por ver um eclipse do sol. E como me delectavam os folhetins sensacionais! Admirava a voz de certo divo, e as formas de determinada tiple roubavam-me o sono. Afãs, ilusões e espe-

ranças. Para quê? Aqui, em compensação, já não oiço a berreira dos meus filhos, as ameaças dos meus credores, nem as tolices do chefe da minha repartição. Sou feliz.

Nos dias sucessivos um exército de insectos invadiu-lhe a tumba em correcta formação. Armados de microscópicos utensílios, serravam-lhe os músculos, perfuravam-lhe a carne, desmontavam-lhe as vísceras, desbravavam-lhe os membros até deixá-los nos ossos. A última brigada deu lustro ao esqueleto e retirou-se.

Julião sentiu-se mais leve, mais decorativo, sem necessidades...

Certa noite notou que lhe abriam a tampa do caixão. Sobre a sua cova assomavam vários esqueletos.

— Desculpe — disseram-lhe. Viámos chegar há muitos anos e como nunca saía pensamos que fôsse por motivo de doença.

Julião levantou-se e safu timidamente cá para fóra.

Os visitantes apresentaram-se e deram-lhe os seus nomes. Julião apontou para a lápide da sua tumba à guisa de cartão de visita.

— Muito prazer em conhecê-lo.

Ofereceram-lhe as suas respectivas casas e convidaram-no para um chá-dançante.

Julião pôs-se então a contemplar a sua tumba. Sobre ela, tinham nascido flores e arbustos.

— Eis a minha carne e o meu sangue — pensou, observando-os com amor. Estes amores-perfeitos são fruto do meu coração... ou do meu estômago, quem sabe. Não; do meu coração, deve ser esta sensitiva. Esta relva ver-



dosa é, sem dúvida, a transformação do meu fígado.

Súbito, despertou-me o instinto de conservação. Afagou amorosamente o seu fígado, beijou o seu coração, respirou o perfume das suas entranhas. E, desde aí, tôdas as manhãs regava aquelas plantas devotadamente.

— Que bem se trata! — murmuravam os seus companheiros.

Acudiu ao chá-dançante que dava no seu sumptuoso palácio a condessa de Osso Alegre. Os músicos tocavam flauta nas suas próprias tibias esburacadas. Todos dançavam e riam, fazendo um ruído estranho, como o das pedras de dominó quando caem ao chão. A vaidade tinha-os seguido até àquele salão. Um marquês gravara nas clavículas o escudo nobiliárquico. Os janotas adornavam com uma flor a primeira costela; as raparigas exibiam ligas sobre as rótulas.

Apresentaram-lhe a pequena que tinha a pelvis mais bonita e um banheiro muito orgulhoso com os seus dentes de ouro.

Flirtava-se; diziam-se chistes e falava-se de modas. Mas o tema predilecto daquelas conversas era a ressurreição da carne.

— Ai! Que saudades tenho das minhas carnes! — suspirava uma senhora. Era tão feliz quando o meu esposo me dava umas sapatinhas...

— Quem me dera o meu rico bigode!

— Quem pudesse ainda arranjar as unhas!...

— O meu coração... o meu coração... — suspirava uma romântica.

— Não sejas tola! — dizia-lhe um filósofo. Isso não serve para nada. Eu prefiro um bom estômago.

— No dia da ressurreição, dar-me hão o recheio do meu crâneo? — perguntava o marquês muito preocupado.

— V. Ex.<sup>a</sup> não tinha antes miolos?

— Diziam que sim.

— Mas, quem repartirá os nossos corpos? Vai ser um sarilho.

— Devem ter isso bem organizado. Quando soar a trombeta do juizo final, cada qual se



— Pode-nos tocar um corpo pequeno, que nos sáiam os ossos por tôda a parte.

— O pior é que a carne já está transformada. Quem quiser completar um indivíduo, tem que o ir buscar ao ar, à água, ao lixo. Extraí-lo dum móvel; aspirá-lo dum charuto; espremê-lo dum limão; hão de se encontrar particulas até nas pedras dos isqueiros...

— A-pesar de tudo, que nos dêem a nossa carne.

— Quando chegará essa hora...

Todos recordaram com saudade os seus envoltórios.

as flores. Depois, um caçador come o coelho. E o caçador será comido pelos vermes... Como seguir assim a pista das minhas vísceras? Vou dar parte... Não. Deve haver já tanta reclamação...

Chorou amargamente. Nessa mesma noite teve um pesadelo. Sonhou que seu tio tinha comido o coelho e lambia o prato.

III

Um esqueleto encontrou um jornal abandonado em cima duma tumba. Despertou grande curiosidade entre os seus companheiros quando no círculo, tirando a gazeta da base do crâneo, a desdobrou com ar de triunfo. Todos se aglomeraram à sua volta, ansiosos de notícias. Leram, por alto, o artigo do fundo, e, pausadamente, a secção necrológica. De repente, o leitor deu um grito:

— Ouvi, companheiros. Isto é abominável!

E leu o seguinte:

— «A carestia da cal. A paralização da construção de vivendas. Um mestre de obras oferece uma importante quantia pelos sepulcros do cemitério. Cada esqueleto pode produzir uns vinte quilos de cal de excelente qualidade...»

— Que horror!...

— Devemos protestar.

— Que nos utilizem como se fôssemos tijolo!... Não pode ser!

— Não pode ser! Não pode ser!

— Além disso, isto complica a nossa ressurreição. Até que se possam reconstruir os nossos esqueletos, imaginem que trabalho!...

— Terão que reparar-nos dos tabiques...

A notícia provocou consternação geral, mas o jornal publicava outra que lhes deu algumas esperanças: «Aproxima-se o fim do mundo. Enorme redução da natalidade. Partejas na opulência. O berço no Museu de Antiguidades. As fábricas de brinquedos em quebras».

E noutro artigo: «A eutanásia da moda. Um parricida por piedade, absolvido porque provou que a vítima tinha uma dor de dentes. Quarenta



lançará sobre o corpo que lhe corresponda e mete-se dentro.

— Há de haver muita confusão. Todos se arrojaram sobre os mais bonitos. Ninguém há de querer carregar com uma corcunda...

— É verdade. E aquele que lhe pertencer dirá que foi em tempos um primeiro prémio de belésa.

— Deviam ter-nos dado um número como nos guarda-roupas dos teatros.

Ao regressar à tumba, Julião empalideceu; um coelho, que tinha saltado do monte vizinho, devorava tranquilamente as plantas da sua moradia. Deu um grito de terror.

— Ai! o meu fígado! E os meus músculos! E o meu peito!

Desesperado, arrojou-se sobre o sepulcro. Negros preságios embargavam-lhe a alma.

— Que complicação, meu Deus! A minha carne transforma-se em flores; o coelho come

sulfídios à saída duma conferência sobre *Os delitos da mulher*.

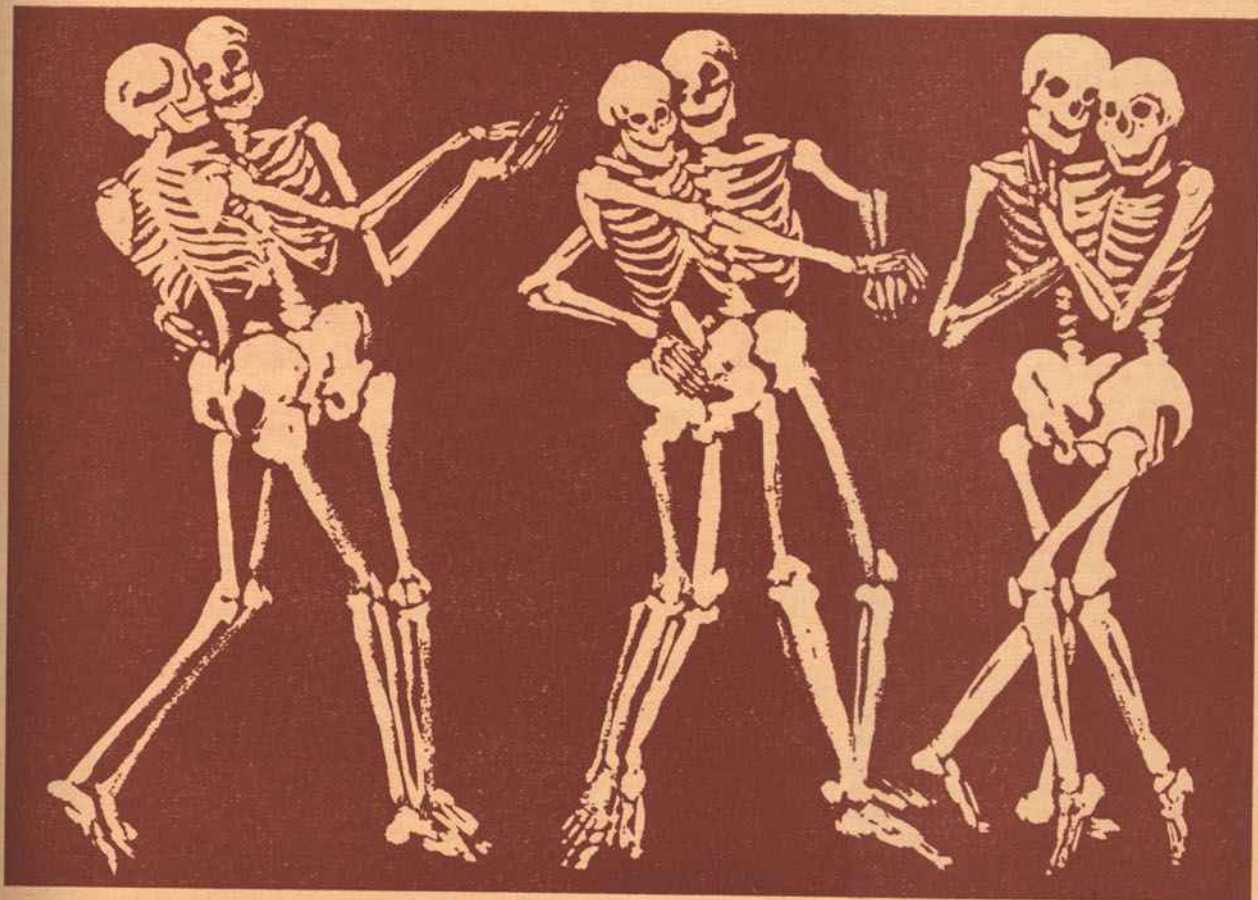
— Isto leva bom caminho!

— É o mundo que se acaba!

— Viva o esqueleto humano!

IV

Desde então no cemitério esperava-se a tôda a hora o fim do mundo, e, com êle, o juizo final, a ressurreição da carne...



Uma noite, quando todos descansavam, ouviu-se um formidável toque de trombeta, que alguém soprava furiosamente.

Foi um espectáculo grandioso. Todas as lápides

— Que é? Que é?  
 — Não ouviram? Chegou a nossa hora! Chamam-nos para o juízo final!  
 — Muito olho no que se responde! Negai todos os pecados!  
 — Viva a carne!  
 — Vivam os músculos!  
 — Apoderemo-nos dos nossos membros!

Um exército branco, esquemático, macabro correu para a igreja, ruidosa como um imenso xilofónio. Mas, ao chegar ante a cúpula, tudo ficou em silêncio. No remate, ao alto, o anjo continuava impertérrito, a trombeta sobre os joelhos, com a mesma cara aborrecida de sempre.

— Que é isto?  
 — Quem nos engana?  
 Ouviu-se, nesta altura, um novo toque de trombeta, na direcção da quinta. Todos se lançaram para lá, e, trepando ao muro, escrutavam o monte. Um guarda rural, empunhando uma corneta, corria atrás dum caçador furtivo.

— Agarra! Agarra! — gritava aos seus companheiros, e soprando, arquejante, na corneta. Profunda indignação se apoderou dos esqueletos. Cavalgados no muro, começaram a apedrejar o guarda, enchendo-o de vitupérios e insultos.

Grande alvoroço, o daquele dia. Os gritos acordaram o cozeiro, que saiu a correr de casa com uma espingarda nas mãos.

— Que escândalo é este? — gritou-lhes, irado. Desçam imediatamente daí se não querem que lhes esfrangalhe os ossos. Cada qual para o seu sítio. Já!

Os esqueletos resmungaram.  
 — Vamos! Não ouviram! Toca a enterrar!  
 Cabisbaixos e desesperados, regressaram os esqueletos aos seus sepulcros. Aquele rebate falso tinha-lhes provocado uma grande desilusão.

Mas, oh! poder da esperança! — daí a um momento, como todas as noites, ouviu-se novamente a oração do morto, que surgia como um gemido subterrâneo, cheio de fé e de comoção:

— ...cremos na ressurreição da carne, na vida eterna... Amen.

(Inédito e especial para «Ilustrações».)



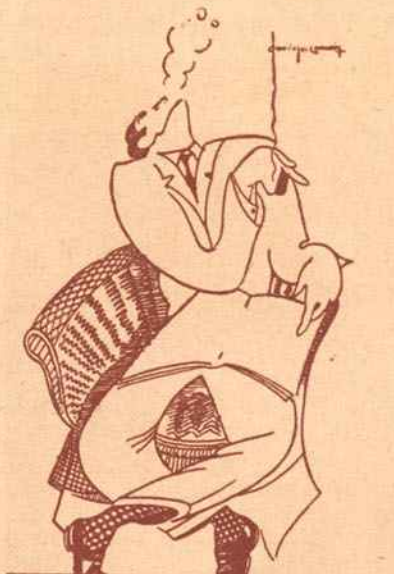
des se levantaram com estrondo. Surgiu uma bandada de esqueletos. Os nichos ficaram vazios e dos panteões saíram os seus habitantes esfregando, sonolentos, os olhos.



Está agora em moda vêr a côr das almas. E, alguns literatos que tal prodígio psicológico têm conseguido, escrevendo suas histórias, vendo os proventos alcançaram. Outro tanto eu vou tentar obter contando-vos esta impressionante história, de não menor interesse psicológico.

- Ohim, Sanulo Recin ruá
- Oha mané.
- Hatenten ba. Barac dodel...

Jerónimo Gonçalves não percebera nada, mesmo nada. De resto, Jerónimo Gonçalves havia 48 horas não percebia nada do que sucedia à sua vida. Tudo lhe parecia um sonho, um estranho pesadêlo das suas laboriosas digestões. As suas digestões! Com que saudades se recordava das horas tranqüilas, depois de jantar, estiracido numa cadeira de vêrga, a mastigar um charuto e a ouvir o gramofone que o sócio lhe oferecera no dia dos anos. E agora, perguntava a si próprio, que mal lhe dera para se deixar entusiasmar com as ideias do seu afilhado, o estúpido do Guilherme, que lhe metera na cabeça dar a volta ao mundo! E lembrava-se que cedera, que partira em combóios caros, que embarcara num grande paquete e havia já quatro meses que andava a vêr terras estranhas e as mais diversas raças, de companhia com milionários de todos os países! Estúpida ideia!!... Tinha acabado de rir desalmada-



mente com o seu companheiro de cabine, o D. Alonso, a propósito dos olhos mal entreabertos das chinesas que tinham ido visitar no último pôrto onde o paquete excursionista tinha tocado, quando—oh! agora recordava-se bem—ouvira tiros na cobertura, a sineta a tocar desesperadamente, o «salve-se quem puder» do assalto dos piratas chineses...

Ele admitia lá que houvesse ainda piratas! Nunca o acreditaria, e por isso sacudia



a cabeça para verificar mais uma vez se estava ou não acordado.

É que as visões terroríficas não terminaram ali... Lembrava-se do mar, imenso, sem fim, tão igual ao que conhecia da praia da Ericeira, mas que aqui lhe parecia doutro mundo, tão distante se sentia da cadeira de vêrga, dos chinelos de ouro e da grafonola com o Fado dos Passarinhos!

O mar... o pequeno escaler onde se refugiara com alguns outros excursionistas, dois dias sem encontrar qualquer embarcação... depois o naufrágio... e os pretos...

Tudo isto que êle julgava fantasias dos escrevinhadores, existia. Mas o que não estava direito, é que existisse para um homem como êle, que estava repousando já das lutas da vida e que procurava numa bela viagem à volta do mundo, uma diversão sossegada e condigna da sua fortuna.

E tudo por causa do Guilherme. Afinal, o que vira e que lhe custara para cima de 60 contos, já êle, mais ou menos, conhecia do animatógrafo. Mas o herói das aventuras era sempre um jôvem cheio de saúde, de força, de amor, que se metia naquelas complicações porque queria salvar alguma rapariga a que os homens maus queriam desgraçar! Agora êle!! Um gôrdo senhor, um honesto ex-comerciante por grôssô da praça de Lisboa, sofrendo já do fígado e dos joanêtes! Onde estava o império dos mares pertencendo aos ingleses... onde estava a confiança dos sêres civilizados em sair de casa, para fazer uma viagem?!

Jerónimo Gonçalves tão absorto estava nas suas aflitivas reflexões que não viu aproximar-se novamente os que, havia instantes, tinham estado a falar ao pé de si...

E um dêles começou a apalpar-lhe as pernas...

— *Aba ha mané.*

— *Sei danc bucur.*

Então chorou; chorou de mêdo, de desespero e de vergonha... Se os consócios do Grémio, se os antigos fregueses, se os amigos do comércio o pudessem vêr...

Estava nú, amarrado a um madeiro frio, com o sol a aquecer-lhe os pêlos abundantes. Deixando descaír a cabeça sôbre o peito, êle via-se, e não podia resistir ao choro...

Maldita viagem, maldito Guilherme, maldito mundo, tão estranhamente feito, que

cria, a par das coisas boas e das honestas pessoas, os maus bocados e os selvagens!

O respeitável sr. Jerónimo Gonçalves caíra em poder dos negros, uns negros absolutamente negros, hediondos, ululando uma aldrabice incompreensível.

Vinham ao pé dêle, miravam-no, discutiam-no, como êle vira fazer os entendidos, nos museus, diante dum bom quadro. Em grupos, outros mais longe, olhavam-no; mulheres negras com um grande aro branco caindo do beíço inferior apontavam-no aos filhos; e riam, mostravam os dentes brancos em fiadas regulares e intermináveis.

Quando o chefe, um pretalhão de mais de 1<sup>m</sup>,80, com penas de côr na cabeça passara a contemplá-lo, ocorreu mais uma sinistra ideia ao cérebro desmoralizado e esgotado de Jerónimo Gonçalves:

Seriam canibais, antropófagos talvez?! Parecia-lhe já, vê-los a lamber as beíçanas descomunais...

E isto no século xx, sob o mesmo sol que ilumina as democracias, duma das quais êle era um notável sustentáculo, pois pagara 50 centavos por cota duma associação avançada! A que ilha fôra êle dar? E não havia polí-





cia, polícia em vapores por todo o mundo, para obstar êstes casos indignos e retrógrados!!

Tinham-no arrebatado à fúria do mar, e, com tôdas as cautelas, como peixe raro e saboroso, trazido para a areia escaldante onde o haviam secado; despido o mais completamente possível, fôra amarrado àquele poste e ali estava à espera duma sentença desconhecida. Vira distribuir as suas roupas, um sapato para um, sapato para outro, camisa para êste, colarinho para aquele... Vira deitar abaixo uma árvore pequena, serrá-la, empilhar os bocados...

E chorava... pressentia que estava irremediavelmente perdido...

Quando o sol se escondia por detrás dum monte rochoso e desolado, viu chegar novamente o preto que êle julgava rei ou chefe da tribo. Acompanhava-o um velhote negro, de barbicha branca muito rala, olhos pequeninos e vivos.

O velho falou-lhe. Dirigiu-lhe palavras que ficavam no ar sem resposta... Eram línguas europeias... inglês... talvez francês... mas êle, que se julgara durante anos um homem importante e rico, reconhecia agora a sua pobreza de sabedoria... Nada percebia... Tudo aquilo era um inferno negro para êle...

Então, exclamou:

— Não te rales, velhinho; eu não percebo nada do que estás a dizer... Aqui, só Deus me pode valer...

E o milagre deu-se; o velho negro abriu a bocarra para rir; bateu as palmas da mão, esbranquiçadas:

— Siô, fala português?... Eu perceba... perceba siô...

O diálogo foi difícil e curto, porque o vocabulário do intérprete era limitado. O negro estivera, em tempos, em Timor, e agora era pertença daquele rei selvagem, último dos últimos fiéis da raça negra intrínseca e primitiva, cuja lei fundamental era o ódio ao branco, inimigo do sossêgo paradisíaco das florestas virgens, inventor de mil feitiços diabólicos, astuto disfrutador da força e da ignorância do negro...

Jerónimo Gonçalves ia ser assado.

Na madrugada seguinte realizar-se-ia o seu sacrifício: homenagem aos deuses e proveito das barrigas dos antropófagos fiéis às tradições.

Apoplético, perdido, o hourado senhor de tanta felicidade branca, gritava:

— Selvagens... malandros... selvajões... almas danadas...

E a lua cheia, muito pálida, muito linda como êle não se lembrava de a ter visto assim, surgia, subia... sorria.

Pela primeira vez, o sr. Jerónimo Gonçalves viu diante de si aquela figura estranha, horrenda, negra, que, a-pesar de não lhe ser desconhecida, jámais contemplara de frente. Na meia loucura em que os acontecimentos o tinham lançado, o seu olhar era rancoroso, as suas palavras mordentes:

— Quem és tu, agora?

— Não me conheces, parece impossível, Jerónimo.

— Eu nunca falei a negros na minha vida...

— Pois sou a tua alma...

— Não estou para brincadeiras, deixa-me... ou vai chamar alguém que me livre destes selvagens...

— É a propósito dos selvagens que eu aqui estou... Porque lhe queres mal, dize-me?

— Ora essa!?... Porquê? Entes que só fazem mal aos seus semelhantes...

— Jerónimo... Jerónimo. E aquela pobre viúva, com quatro filhitos, que morava nas águas furtadas do teu prédio da rua dos Anjos, que tu mandaste destelhar, para os obrigar a ir para a rua?

— Isso é um problema social: é o inquilinato... nada tem com isto... Estes negros matam de longe, com uma seta envenenada... são uns selvagens!

— Jerónimo... Jerónimo... E quando tu, das dez e meia da noite em diante, te fechavas com o Zeferino, no teu armazém de gêneros, a deitar raspas de ossos no açúcar, gêsso na farinha, óleos no azeite, ratas pôdres nos chouriços... Quantos mataste... sem que te vissem!?!

— Disparates! O que têm os gêneros alimentícios com a alma danada destes gentios antropófagos! Há lá o direito de me amarrar a êste poste, fazer-me estar um dia ao sol, a sofrer...

— Jerónimo... lembra-te do pequeno Ismel... sim... nem te lembrás já... o marçanito que por dez mil réis por mês fazias andar a pé desde as 6 da manhã, quando varria a loja, até às 11 da noite, quando se ia deitar, e que veio a morrer no hospital, de fraqueza, canseira, fome...

— Queres agora discutir o horário de trabalho, não é?

— E o Medeiros, teu amigo, o magro funcionário público a quem emprestaste 50\$00 e recebeste em 6 anos, de juros, perto de 500 mil réis... e morreu com tudo empenhado...

— O capital é o grande animador das indústrias e do comércio e convém defendê-lo, custe o que custar... O que eu digo é que, no século XX, a civilização já devia ter dado cabo destes negros, sem coração nem noções de humanidade...

— Jerónimo, Jerónimo... recorda-te da tua mulher, coitadinha, que tu moías com uma

sova tôdas as vezes que o negócio te corria mal... E as correias com que tu *civilizas* a tua sobrinha que veio, devido ao teu altruista coração, servir para tua casa?!

— Quem dá o pão dá a educação... Mas tu exasperas-me... Não te metas na minha vida... Não defendas êstes malditos, êstes almas do inferno que me querem matar... comer!!

— Defendo-os... porque são como tu! tu tens também uma alma de preto... Deliras com o jazz-band... extasias-te com as corridas de toiros... gostas de fazer chorar, de fazer sofrer, tens morto outros séres, tens comido os teus semelhantes... Olha bem para mim... Não vês como sou negra, como sou hedionda, como sou feroz?!... Pois sou a tua alma!... Quando eras feliz nunca tiveste ocasião de olhar para mim... e, agora, é tarde para te salvares...

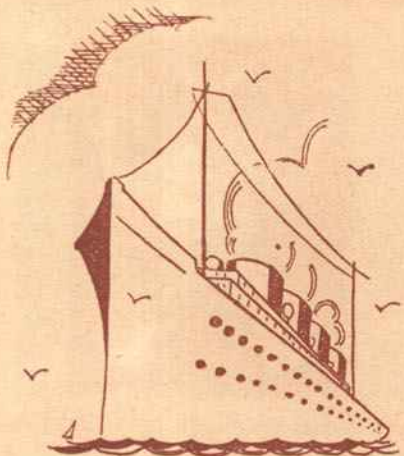
Jerónimo Gonçalves contorceu-se dentro das cordas que o apertavam no peito, nos braços, no ventre. Sofria, sofria horrivelmente, e, sob o olhar agudo e penetrante da sua alma, sentiu-se desfalecer, esvaír...

Quando voltou a si, lá estava o maldito negro, o rei da tribo, com a sua mascarada cara, de lábios grossíssimos e vermelhos, debruçado sôbre o seu pálido rôsto de condenado...

E ria, o maldito! Teria chegado a sua última hora? Um arrepiro percorreu-o de alto a baixo...

— Siô... Estamos a chegar a S. Francisco... Siô, não devia comer tanta langosta ao jantar... Siô ter passado mal a noite... pesadêlo muito grande... febre... suores... Mas Pascoal estar qui para chamar siô doutô...

E o Cap Finisterra zurrava rouco e forte nas suas quatro chaminés ao aproximar-se do final da 3.<sup>a</sup> etapa da sua volta ao mundo, levando no seu bôjo os honrados milionários de todo o mundo.

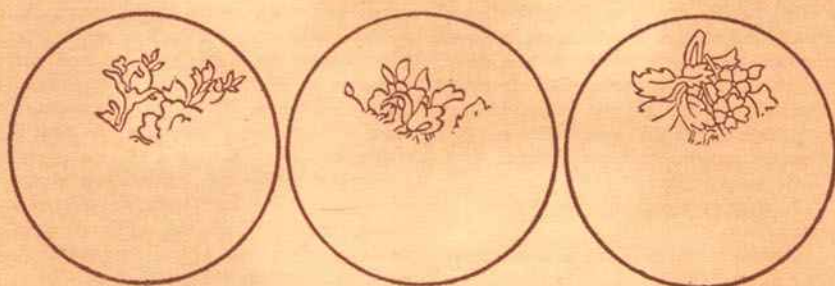






# Passatempo

## AS TRÊS CIRCUNFERÊNCIAS — (Problema)



Aqui estão três circunferências nas quais colocámos os três fragmentos de um debuxo. Trata-se de reconstituir êsse debuxo.

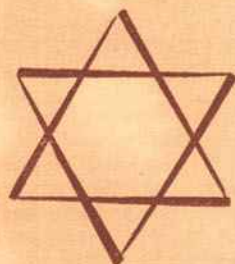
Digamos, quanto antes, que não é questão de dobrar.

Deve recortar-se as três circunferências e, em seguida, sobrepô-las. Pode dar-se-lhes uns cortes mas sem lhes separar nenhum bocado.

— Se eu fôsse rei — dizia um homem muito tólo a um amigo — mandava enforcar quem dissesse trinta parvoíces seguidas.

— Já te não faltam senão vinte e nove, — respondeu-lhe o companheiro.

FORMAR UM HEXAGONO (Solução)



## A CRIADA MODERNA

*A patrão:* — Olhe, Felícia, se vier alguma visita esta tarde, eu sai, não estou em casa.  
*Felícia:* — Mas o pior é que eu também saio, minha senhora.

## APANHADO!

— Grande mistério! Cincoenta vítimas! Quem compra o jornal! — gritava o garoto dos jornais.

Um transeunte comprou um número e passou-o pela vista, rapidamente.

— Olha lá! — exclamou êle, não encontro aqui nada de extraordinário neste jornal. Onde é que está?

— Pois êsse é que é o mistério! — respondeu o garoto a rir. Com o senhor, já faz cinquenta e uma vítimas!

## EXPERIÊNCIA ÓPTICA

Fixe-se bem o pequeno losango preto, que está no meio do boneco branco, até que a vista principie a fatigar-se (coisa de meio mi-



nuto é bastante). Depois, olhe-se fixamente para qualquer superfície clara, a parêde, o tecto, uma fôlha de papel, etc., e também em menos de meio minuto, aparecerá ali um rectângulo branco, no meio do qual se vê o boneco desenhado em preto.

## UMA LONGA VIAGEM

*Ele:* — Por sua causa, era capaz de ir até ao fim do mundo.

*Ela (bocejando):* — Então, já são horas de partir.



— Julgava-te tão carinhoso, Humberto! Antes de casarmos costumavas ter as minhas mãos nas tuas, durante horas.

— Então, filha, isso era para evitar que fosses tocar piano.

Ese monton de piedras hacinadas,  
Morenas como el sol que se desploma;  
Monstruo negro de escamas crizadas,  
Que alienta luz y música y aroma;

A quien un pueblo inválido rodea  
Con pies de religión, frente de miedo,  
Que tan noble lugar mancha y afea,  
Es catedral de lo que fué Toledo.

José Zorrilla.

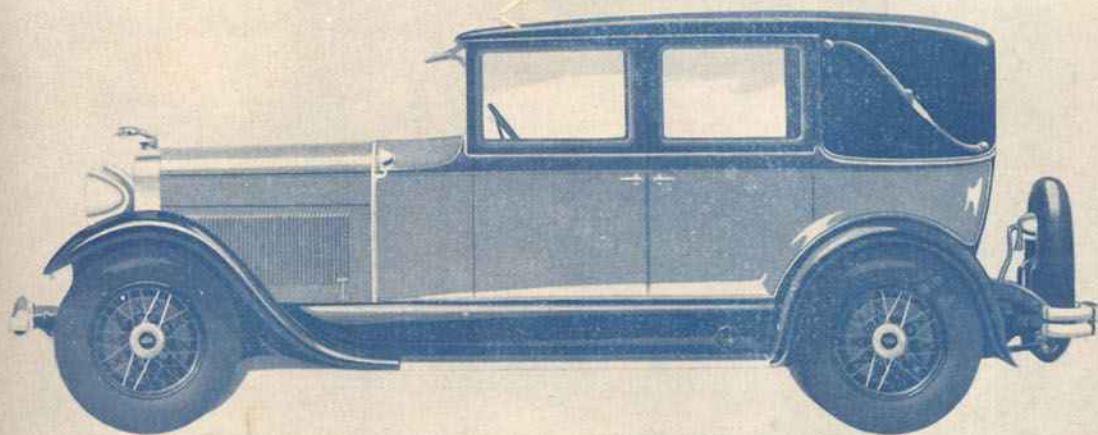
A Catedral de Toledo, uma das primeiras jóias arquitectónicas de Espanha, destaca-se forte e pujante na terra castelhana.

Lincoln é uma jóia mundial que se destaca única e potente com sêlo próprio e pessoalíssimo. Lincoln resume a elegância, o conforto, a sumptuosidade, o refinamento... Lincoln é o carro senhorial e cosmopolita, o carro preferido pela alta esfera social.

LINCOLN

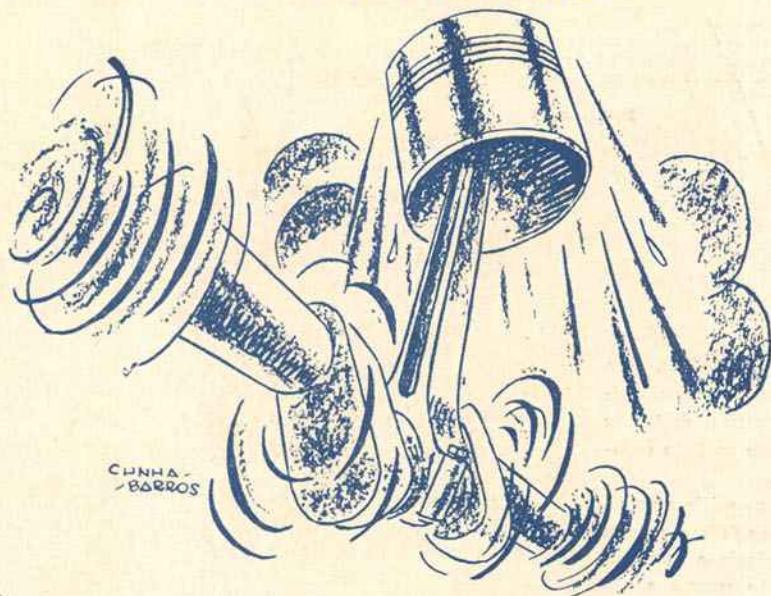
Ford  
COCHES Y  
CAMIONES  
Fordson  
TRACCIORE

Ford Motor Ibérica  
BARCELONA



ROLDÓS-TIROLESES S.A.

**Quanto mais rapidamente se movem os embolos mais difícil se torna movê-los.**



É o que acontece nos motores modernos de cilindrada reduzida e nos quais para o desenvolvimento de uma dada potencia, é necessária uma grande compressão e uma velocidade de rotação elevada.

Daí a tremenda fricção nas paredes dos cilindros com um conseqüente aquecimento brutal que destrua as qualidades lubrificantes de todo e qualquer óleo, cuja fabricação não evolucionou a par das modernas conquistas na técnica dos motores de automoveis.

Gargoyle Mobiloil, fabricado pela maior Companhia de óleos lubrificantes de todo o mundo, tem acompanhado sempre as exigencias dos motores modernos. É esta a razão pela qual entre 10 carros que há para lubrificar, nos carters de 7 deles só entra Mobiloil.

92 % dos fabricantes de carros americanos aprovam o emprego de GARGOYLE MOBILLOIL.



# Mobiloil

*O óleo mundialmente preferido pela sua qualidade*

630

REFINARIAS: OLEAN (N. Y.) - ROCHESTER (N. Y.) - PAULSBORO (N. J.) - BAYONNE (N. J.)

VACUUM OIL COMPANY